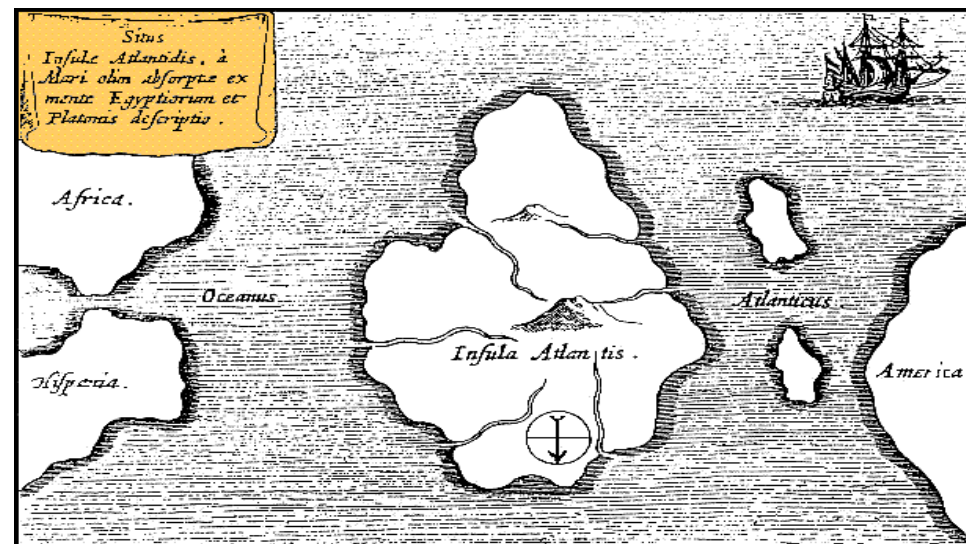


CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

CADERNO Nº 6 Edição outubro 2010

DEDICADO A CAETANO VALADÃO SERPA



CADERNO Nº 6 Edição outubro 2010

DEDICADO A CAETANO VALADÃO SERPA

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia – Chrys Chrystello editou este número

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

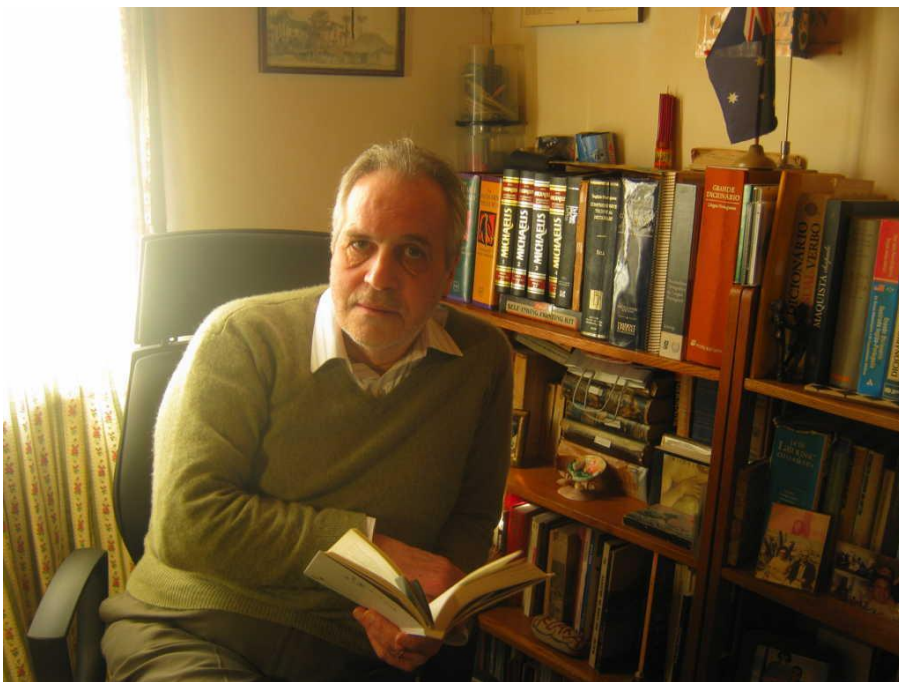


© TM

Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS
DA LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes desprezíveis **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, **servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos** que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiosincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

² Adotando a designação feliz utilizada por Álamô Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

-
- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
 - Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
 - Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
 - Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”
-

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a Bibliografia Geral da Açorianidade a ser publicada em 2017 com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e destinada a consulta exclusiva dos associados da AICL. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exhaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Dos autores contemporâneos de que publicamos excertos nos últimos Cadernos, optamos por **Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Álamo de Oliveira**. Para este 6º caderno temos CAETANO VALADÃO SERPA. Por mero acaso e facilidade de editar este caderno, todos os excertos pertencem ao livro GENTE SEM NOME, **Estórias de Migrações** publicado por Jornal de Cultura, Ponta Delgada, Açores (1994).~

Caetano Valadão Serpa nasceu na ilha das Flores, freguesia da Fajã Grande, concelho de Lajes, completou os seus estudos secundários no Seminário de Angra do Heroísmo. Em 1961 ingressou na Faculdade de História da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Itália, onde obteve a Licenciatura e o Doutoramento em História. Desde então, dedicou-se ao ensino, foi professor no Seminário de Angra e no Colégio de Santo Cristo em Ponta Delgada, Açores.



LAGOA 2012, 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA





LAGOA 2012, 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA



LAGOA 2012, 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA



Dedicou quase a totalidade da sua vida profissional ao ensino, tendo iniciado a sua carreira de professor no Seminário de Angra do Heroísmo e no Colégio de Santo Cristo, em Ponta Delgada.

Nos Estados Unidos da América foi professor no Ringe & Latin School e no Cambridge College, supervisor de Terapia Expressiva na Lesley University, supervisor de Mediação Escolar e Aconselhamento na Harvard University e University of Massachusetts onde foi professor de Língua e Cultura Portuguesas na University of Massachusetts, cargo desde 2004.

Paralelamente ao seu percurso profissional, Caetano Valadão Serpa marcou presença em vários colóquios e encontros, tendo proferido numerosas conferências de temática histórica, psicológica e literária, nos Estados Unidos da América, Portugal, Canadá e Brasil. Em 2003, participou no I Encontro de Escritores Açoriano da Diáspora, evento promovido pela Direção Regional das Comunidades

Em 2010, foi distinguido com o Portuguese Language Award. Em 2003, recebeu o Portuguese World Language Award – Prémio Língua e Cultura, da Luso-American Education Foundation.

É Membro Honorário do Clube Luís Camões.

Tomou parte nos Colóquios da Lusofonia (16º 2011 em Vila Porto e 17º em 2012 na Lagoa).

É Conselheiro do projeto "Rede Prestige Azores".

PUBLICAÇÕES:

- . (1976). "A gente açoriana, emigração e religiosidade nos sécs. XVI-XX". Angra do Heroísmo. *Boletim IHIT* 34: 5-59, tese à Universidade Gregoriana em 1975
- . (1976) "A Gente dos Açores, identificação, emigração e religiosidade, sécs. XVI-XX" *Boletim IHIT* 34
- . (1978) *A Gente dos Açores, identificação, emigração e religiosidade, sécs. XVI-XX*, ed. Prelo
- . (1994). *Gente Sem Nome*, Jornal de Cultura. Ponta Delgada. Açores.
- (1990). *Guiomar, um apontamento de emigrante*. Ed. do Gabinete de Emigração. Angra do Heroísmo
- . (1996). *Guiomar*. English Edition. Portuguese Continental Union. Boston. Massachusetts
- . (2000). *Uma pessoa só é pouca gente*. Lisboa, ed. Salamandra col Garajau
- . (2006). "A língua como mensagem cultural" 5º *Colóquio da Lusofonia*. Ribeira Grande. Açores
- . (2010). "Festas do Espírito Santo, expressão de felicidade da gente dos Açores". IV *Congresso Internacional sobre as Festas do Espírito Santo*. PHPC. San Jose. Califórnia
- . (2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos*. de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
- . (2012) in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
- . (2012) "A linguagem não sexista". 17º *Colóquio Lusofonia*. Lagoa. S. Miguel. Açores
- . (2012). (no prelo) inédito, trad de Chrys Chrystello. *Uma pessoa só é pouca gente*. *One lonely person is not enough people*.

N.B. *A Gente dos Açores* foi selecionada pela Biblioteca do Congresso dos EUA, como um dos três primeiros livros de língua portuguesa, transcrito em Braille, 1980.

Atualização da bibliografia em <https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>



LAGOA 2012, 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA



VILA DO PORTO 16º COLÓQUIO, 2011



VILA DO PORTO 16º COLÓQUIO, 2011



VILA DO PORTO 16º COLÓQUIO, 2011





VILA DO PORTO 16º COLÓQUIO, 2011



DEDICATÓRIA - GENTE SEM NOME. C.V.S. FLORES, 2005 1ª EDIÇÃO CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS, 1994

Esta segunda edição de *Gente Sem Nome* é dedicada ao inesquecível amigo e extraordinário companheiro de jornada nos Açores, na Itália e na França, Manuel António de Melo Pimentel, que tão cedo nos deixou. Prefaciou a primeira edição de *Gente Sem Nome*, quando ainda se encontrava em Paris a cumprir longos anos de ‘exílio’. Uma década depois, em 2004, fui encontrá-lo, quase moribundo, num hospital em Ponta Delgada. A caminho das Flores, chocado e deprimido, sobrevoando o atlântico, envolto em nuvens, com pés, cabeça e coração fora da terra, anotei *O Adeus Final*, publicado na altura e que aqui transcrevo em sua memória.

O avião vindo dos Açores chegara a Boston com quase quatro horas de atraso, só partindo às sete da manhã quando já devia estar em Ponta Delgada. Aterrou no aeroporto da ilha do arcanjo às onze e meia, ficando assim adiada a ligação para as Flores. Havia que esperar para o dia seguinte. (...)

Aproveitei o resto da tarde para visitar, na Clínica do Bom Jesus, um amigo do peito, Manuel António de Melo Pimentel, que sabia encontrar-se gravemente doente. Natural das Furnas, São Miguel, onde a ilha ainda respira do parto da sua origem cósmica gemidos de lava escaldante, na idiossincrasia perfeita do belo e do horrível, da certeza e da dúvida, da dor e da felicidade, da esperança e do desespero, da saúde e da doença, do amor e do ódio, da vida e da morte, do tempo e da eternidade... E na minha experiência de 60 +, o Manuel fora e continuará a ser, na memória viva desta vida, uma das sínteses mais perfeitas e elucidativas do que é, por excelência, o ser humano.

Tínhamos falado pelo telefone havia duas semanas. A sua voz segura e confiante parecia a mesma, embora consciente do fim que se aproximava. Agora, ao transpor a porta do hospital, encontrei-o quase inerte. Olhou-me, mas já não falava. Apertei a sua mão e ele apertou a minha, e dos seus olhos a mesma luz de amizade de uma vida inteira, desde as carteiras toscas do Seminário de Angra às pontifícias da Gregoriana, onde até bispos e papas suaram as conjugações do latim à procura da pedra filosofal das “verdades divinas”... Ainda consegui descobrir naquele olhar corajoso e sábio a força para morrer devagar, vencendo a aberração da dor e o mistério da própria morte.

Alguém que no seu percurso existencial, com persistência heroica, sempre se orientou pelo ideal da justiça e da verdade, com os riscos e consequências inerentes, que, frequentemente, intimidaram os poderes constituídos, políticos e religiosos, e o

impediram de receber o reconhecimento devido. A cruz episcopal a ninguém ficaria melhor. Alguém capaz de transmitir clarividência e alternativas para as situações mais complexas, com a maior das sensibilidades e bom senso, fazendo dele um marco privilegiado de referência, que nem a morte conseguirá apagar. Conheço por experiência pessoal do que estou a falar, companheiro de inúmeras batalhas e algumas conquistas no palco da pequenez açoriana e da grandeza europeia, desde as falácias de Angra dos anos 50 ao idealismo otimista do Vaticano II; desde as aulas estéreis da dogmática tridentina, da Rua da Miragaia, às classes inspiradas do perito conciliar, Prof. Bernard Häring, na Universidade Luteranese.

De regresso aos Açores, a vida não nos foi fácil, quase mesmo impossível; depois de alguns anos, ele partiu para a Europa e eu para as Américas. Foi o primeiro adeus. Eu desisti da luta, ameí uma mulher, casei, gerei uma filha e espero ser avô; ele assumiu a liderança internacional da Ação Católica, em Bruxelas. Percorreu o mundo, de lés a lés, para, mais tarde, regressar aos Açores, um pouco desiludido.

Um homem e um padre extraordinários sem nunca ter sido ‘hierarquicamente’ apreciado, mas sincera e profundamente amado e respeitado por todos aqueles e aquelas que o conheceram de perto e a quem ele, com generosidade invulgar, deu a mão. Talentoso, inteligente, bondoso, capaz de conjugar a fé e o progresso, com coragem de profeta e amor de santo.

Os Açores, Portugal, a Itália, a Bélgica, o planeta que habitamos, pelas razões mais válidas, perde uma fonte de inspiração e a disponibilidade de um homem de boa vontade. Um lugar vago e um candidato ao apreço universal, sem títulos nem pedestais, apenas a gratidão sem preço.

Quando parti, a 26 de agosto, ele estava quase a entrar no ‘reino dos justos’; o pensamento e a certeza do adeus final torturaram-me a alma e paralisaram-me a mente. Triste e confuso, só consegui segredar-lhe um ‘até à próxima’, na esperança da imortalidade.



CAETANO VALADÃO SERPA
**A GENTE
DOS AÇORES**

IDENTIFICAÇÃO - EMIGRAÇÃO E REUGIOSIDADE
SÉCULOS XVI-XX



CAETANO VALADÃO SERPA
UMA PESSOA SÓ É
POUCA GENTE

€ 1.

*A todas as crianças
que só puderam crescer
na opressão
da violência e da injustiça.*

*... e a todos os homens e
mulheres
capazes de amar
sem o medo do inferno
e a alienação do paraíso.*

FILHO DE PESCADOR

*Tudo em mim são espumas, ilha e areias negras
sargaços e redes estendidas secando ao sol...
Luísa de Mesquita*

Natural de uma das aldeias mais típicas dos Açores, facilmente identificável pela fala e pelos costumes. Aqui, havia latifundiários, lavradores, pescadores, comerciantes, gente com muito, gente com pouco e gente sem nada. E à margem desta metrópole rural, nos subúrbios da freguesia, tinham-se instalado em quintas elegantes, no regalo da vida, famílias das mais afortunadas da ilha. Claro que era um povoado sem integração social, apenas convívio ocasional nos arraiais festivos e na igreja paroquial, por ocasião do cumprimento do preceito dominical e deveres religiosos a que o vigário obrigava toda a população do burgo, para instruí-la nos dogmas da fé e nos costumes cristãos.

Porém, mesmo nestas ocasiões de convívio popular ou celebrações de preceito, conviviam-se em grupos bem distintos e até nas procissões da devoção paroquial os fiéis mais considerados conduziam aos ombros as imagens venerandas pelas ruas ornamentadas, seguidos de perto pelos políticos do concelho e, bastante mais atrás, pela multidão anónima de todas as almas que podiam andar e tinham feito promessas.

Embora todo o mundo se maravilhasse com o exemplo edificante desta gente importante e poderosa, nem porventura, nestas ocasiões, a misericórdia divina conseguia derrubar as barreiras humanas dos preconceitos de superioridade / inferioridade social. Honravam a Deus e aos Santos por afinidade económica, uns agradecendo as graças desta vida, outros

pedindo a recompensa eterna em troca da miséria presente de uma existência sem pão nem instrução.

Apesar de acreditarem que Deus não fazia aceção de pessoas, sentiam-se entre si muito diferentes. Todos, porém, se consideravam pecadores e pecadoras, e o pecado sexual era o mais popular, quase o único que, seriamente, perturbava a consciência. E toda a gente acreditava que pecava contra a castidade por pensamentos, palavras e obras. Com a diferença de que a mais pobre e ignorante pagava já nesta vida com encargos impossíveis de famílias numerosas e famintas, e a pobreza multiplicava-se. A mais rica sabia fazer confissões bem feitas, era benfeitora e devota da igreja, e já dispunha de métodos de prevenção de natalidade. Mas ainda bem que nestes ambientes rurais havia festas religiosas para curar a alma, distrair o espírito e repousar o corpo.

Todavia, nem tudo era boa disposição e graça de Deus. Precisamente, numa destas ocasiões festivas e confusas, onde ressentimentos recalcados costumavam vir à flor da pele, um pescador local, com uns copos a mais, meteu-se em briga com um gorila da terra, perdendo a vida de uma maneira trágica. O gorila, mais forte e ainda sem álcool nas veias, bateu-o, impiedosamente, em arraial público de festa de santo, perante os olhos incrédulos da multidão. Por fim, ergueu-o nos braços e atirou-o contra a parede do caminho, ao lado da igreja. Na crença popular de que ao menino e ao borracho põe-lhes Deus a mão por debaixo e na esperança de que a providência divina o salvasse, levaram-no aos ombros para casa, enquanto, quase morto, vomitava sangue e vinho. Passou a noite a lutar pela vida, para no dia seguinte não ser capaz de aguentar-se de pé nem tão pouco sentado e, aos poucos, ir perdendo consciência de que ainda estava neste mundo. A mulher chamou os vizinhos, que ao vê-lo naquele estado, levaram-no, à pressa, para o hospital da vila, onde já chegou sem vida. Tinha apenas trinta e três anos de idade. Atrás deixava viúva a mulher com vinte e nove anos, três crianças e uma quarta em fermentação de três meses, que não chegaria a conhecer o pai.

Instaurado o processo criminal pela Justiça, todas as testemunhas intimadas a depor declararam, sob juramento, não terem visto coisa alguma. E a justiça da terra ali também morria por falta de coragem de existir. O facto estava consumado e ficaria para sempre esquecido pelas autoridades jurídicas. Menos um bêbado na freguesia, menos um pobre pescador, menos um miserável analfabeto.

Naquela terra de pescadores, não faltava memória de acidentes mortais, mas no mar, como deve ser, para quem ama a profissão. No mar, morre-se por acidente, sem intencionalidade, sem maldade, sem culpa. Em terra, ele morrera às mãos de outro homem, com ódio e raiva, desprezado como um cão.

Nunca aprendera a ler e a escrever, e para pescar não sentira falta dos livros, tudo aprendera com o pai. Adorava pescar, a única coisa que sabia fazer, e a sua grande ambição era possuir um barco, ser o mestre, ter o leme nas mãos, cortar as vagas com mestria, lançar as redes sob o seu comando e arvorar as velas às suas ordens. Sempre soubera, entretanto, que esse desejo dificilmente seria realizado. Com uma família numerosa, prova da sua virilidade, não havia dinheiro que chegasse. Arreava no barco do compadre ou pescava de cima da rocha, com o filho mais velho a seu lado, em frente à casa minúscula que nunca lhe negara o prazer da vista do mar. Via-o e ouvia-o como presença constante e fiel. Não gostava do pó da terra, a água com sal é que o atraía. Quando o mar embravecia, passava o tempo na taberna, jogava às cartas e, uma vez por outra, embebedava-se para esquecer as necessidades e o tédio da ausência do mar. Quando tinha paciência ou faltava o dinheiro para a cachaça, brincava com os miúdos no caminho, junto ao mar. Em casa, não havia lugar. Mesmo quando bêbado respeitava a mulher, pelo menos, não lhe batia.

Por tradição, que talvez remontava às origens do povoamento das ilhas, a pesca fora sempre considerada passatempo dos remediados e estigma dos pobres. Faina que nunca dera lucros nem prestígio. Apenas o pescador da baleia, pelo risco e ‘heroísmo’ da luta sangrenta da canoa minúscula com o cetáceo colossal, conseguira a reputação e o título, também sem proveito, de ‘lobo do mar’.

Todos os outros, nem isso. Eram depreciativamente pescadores, o mesmo que desgraçados, alcoólicos, analfabetos, ignorantes; o mais inferior na escala social, incapazes de falarem segundo as regras da gramática e com pronúncia ridicularizada. Autênticos marginais.

O produto da sua labuta, o peixe, desde tempos imemoráveis, esteve associado à comida dos pobres e aos dias de penitência dos ricos e abastados, a seguir ao carnaval, com conotações de purificação moral. A carne, essa sim, produto da terra e alimentação por excelência com proteínas e tudo, capaz de fazer engordar e crescer.

Morrera de maneira infeliz, mas fora uma destas criaturas que não se envergonhara da sua profissão. Mesmo sem traineira nem barco e sem apreço social ou oficial, adorava a vida do mar e sentia brio no que fazia. Não temia as vigias longas e perigosas das noites sobre o mar, e mal se queixava do desemprego penoso do inverno. Sabia, porém, que era como quem vivia ‘ao Deus dará’, e partira sem ter conseguido um estatuto profissional digno que suavizasse um pouco os preconceitos sociais de nascer e continuar pescador, excluído dos planos anunciados do progresso das ilhas. A única profissão que ainda não gozava de salário mínimo!

Até à sua morte violenta, num dia de festa religiosa, saía sempre para o mar com o pai e depois com o compadre, dono dum barco de dimensões médias, motorizado, capaz de passar a noite no pego, quando fosse necessário atestar a lotação da embarcação. Todavia, nunca se distanciavam de modo a perderem os pontos de referência para orientação do regresso. Havia sempre o farol da ponta da ilha a considerar e o porto no horizonte da distância como esperança de voltarem a ver a família e os amigos. O entusiasmo da apanha jamais permitiria olvidar a conexão com a terra. Se fossem artistas e soubessem usar o pincel e as cores como usavam o caniço e as redes, deixariam o quadro mais impressionante da ilha nos seus contornos e relevo, tonalidades e luminosidade, esfumando-se no longo e lento percurso da partida, à caça dos bancos do pescado, para mais tarde, a descreverem na visão da alma e dos olhos, no crescente mais natural e apreciado do regresso. Era um ‘zoom’ real produzido pela vela e pelo motor do barco em movimento constante de aproximação e distanciamento, personificado nos remos da partida e na âncora da chegada.

[....]

Assim, ser pescador é, simultaneamente, parte da tradição familiar e da condição social, única herança de quem nada tem nem sabe fazer outra coisa. No entanto, o mesmo mar que lhes oferece o entusiasmo do espírito e a parca esmola do corpo não o faz sem vítimas de sacrifício. Embora seja morrer na luta pela vida, toda a gente sabe que é morte tirana, um finar-se aos poucos, sem recurso nem apelo, mas ‘com muito tempo para arrepende-se’, como diz a sabedoria popular. E logo se pensa nos tubarões, apreciadores de carne humana. Apesar de tudo, morrer em luta com as ondas continha algo de trágico/heróico, símbolo e realidade do condicionalismo do homem do mar.

Enfim, nem esse trágico-heroico fora a sorte deste pescador honrado e convicto, ainda muito novo e já com o número quatro no ventre da esposa. Era apenas mais uma família de pescadores que se cobria de luto e de dó por uma razão absurda. Uma briga. A vida complicou-se seriamente para os que ficaram atrás. Sobre tudo para o filho mais velho ao perder o pai em terra firme, às mãos de outro homem que continuava em liberdade pelos caminhos da aldeia, nas tascas e nas festas. Desde essa altura, ficara-lhe com um ódio de morte e crescia respirando vingança até que um dia matasse a fome de justiça.

Tinha apenas sete anos, mas nunca mais conseguira fazer nada de jeito, nem tão pouco nas coisas desejadas e permitidas às crianças da sua idade, quanto mais o interesse pela escola e devoção pela igreja. À sua maneira, era já um revoltado com programa estabelecido. Passava os dias afastado de casa, a cismar junto à praia e a brincar sem finalidade com as pedras soltas das bermas do caminho e à sombra dos salgueiros

raquíticos que não deixava crescer, quebrando-lhes as cristas frágeis para provar o gosto do mar.

Acabou por desistir da escola sem dizer nada a ninguém, nem a mãe notara traumatizada como andava. Simplesmente não ia, a professora não se preocupava e a mãe desconhecia e assim, não havia perigo de ser apanhado. Porém, não o fazia por prazer, sentia mesmo remorsos, mas perdera o gosto de aprender e não aguentava muito tempo sentado a ouvir coisas que, de momento, não tinham aplicação prática e, ainda por cima, corria o risco de ser espancado por não saber a lição. Nunca vira o pai pegar num lápis para escrever nem num livro para ler. Aliás, não sabia ler nem escrever. Para o pouco que precisava, bastava-lhe fazer contas de cabeça e memorizar as tabelas de preços na loja do peixe. Agora, o filho, fiel às pegadas paternas, seguia o mesmo caminho. Embora consciente de que não era burro, não lhe interessava a escola.

Um dia, após longa ausência, e mais por curiosidade que por outra coisa, de repente, apareceu na escola, mas jurou nunca mais lá por os pés. A professora, em vez de um mínimo de atenção e preocupação em averiguar o que se passava com ele, envergonhou-o diante de toda a classe, com todo o género de insinuações e ameaças, mesmo quase lhe puxou as orelhas. Toda a classe se riu à sua custa. Depois disto, se algumas dúvidas restavam, mais se convenceu de que a escola não era lugar para ele, não era para o filho de seu pai, não pertencia àquele ‘clube de intelectuais’. Em pouco tempo começaria a pescar de cima das pedras e quando algum pescador, amigo do pai, o quisesse levar para o alto mar, iria de boa vontade. Até lá, não se esqueceria de crescer para, mais tarde, fazer contas com o assassino do pai. Liquidá-lo com uma paulada certa na cabeça, quando o apanhasse a jeito. Já sabia que, às vezes, também se encharcava de vinho e aguardente, e descobriria onde o fazia, onde morava e os caminhos e lugares que frequentava. O pai também morreria embriagado, assim fora mais fácil e menos doloroso. Por sua parte, se possível, vingar-se-ia a sangue frio, na altura oportuna e quando chegasse a hora da verdade. Por agora, alimentava-se do ódio e do alheamento social, mesmo quase sem contacto com as outras crianças filhas de pescadores.

Antes, gostava de ir à escola e ia quase sempre, a não ser que se encontrasse doente ou lhe faltasse roupa apropriada, pois apesar de pobre, não se sentia bem a andar sujo e roto. De resto, aprendera já os sons iniciais das vogais e consoantes e começara a decodificar o segredo da leitura e a decifrar operações simples de adição e subtração. Todavia, este processo de alfabetização infantil, esperança elementar de algum sucesso na vida, fora, abruptamente, interrompido e de maneira trágica com a morte do pai, assassinado no meio da multidão, quando a banda de música, Senhora da Lira, tocava modas populares para animação do arraial. Nunca mais pôde escutar bandas filarmónicas, em melodias de sons espirrados que lhe traziam à mente, de maneira insuportável, recordações cruéis.

Filho de pescador já falecido, ficara só, órfão, ainda mais pobre, na dor dos sete anos. Naquele dia, não encontrara palavra em ninguém, nem nos padres da paróquia, ocupados com a festa, nem nas beatas de Deus ou devotos dos santos, preocupados com as suas rezas e promessas. Nem a própria mãe se lembrara dele, petrificada de aflição. Sem simpatia nem compreensão, passou o resto do dia solitário pelas ruas desertas da freguesia, onde não havia festa, mas ainda se ouvia ao longe o som macabro da banda.

Estava lá, vira o pai inerte no chão, contra a parede. Ninguém o notou, ninguém sabia que era filho dele, o filho mais velho do pescador morto na briga, no dia da festa. Impressionava-o muito quando o via meio bêbado, falava demais e dizia coisas sem tino, mas não era violento. Agora, não falava nem mexia, pálido, de olhos fechados, semimorto. Sem álcool na cabeça era um homem forte e calmo, que não deixava ninguém fazer pouco dele, da mulher e das crianças. Sem ele, sentia-se à mercê da lei do mais forte, numa terra em que ser pescador é como não ser gente. Sentia-se confuso e aterrorizado, mas marcou bem no sudário da sua alma a figura monstruosa do assassino, com ar de vitória, olhando o pai caído de cara para o chão, onde todos punham os pés e cuspiam a bala do álcool e do tabaco. Testemunha irrefutável daquilo que toda a gente, mas sem honestidade e sensibilidade para mais tarde confessar em tribunal, também vira.

Quase à noite, voltou a casa, encontrando a mãe mais morta que viva, grávida de cinco meses, com as duas filhas mais moças à sua volta, a pôr panos frios na cabeça do marido, que morreria no dia seguinte. Vinte e quatro horas depois enterram-no. Funeral de pescador cotizado entre amigos e parentes, com o suficiente para a certidão de óbito, a missa de finados e a sepultura religiosa. Quase todos os pescadores da terra o acompanharam à última morada, o cemitério da freguesia, onde se juntou às várias campas de outros companheiros das lides do mar. Nesse dia, no mar, quase não se viam barcos de pesca.

Como filho mais velho, por razões óbvias, fora o mais atingido. Era o mais chegado ao pai, aquele que, por tradição, tomara a responsabilidade masculina da casa se ele faltasse, e o único que presenciara o incidente fatal. Todas as imagens trágicas do acontecimento o haviam penetrado até ao mais íntimo do seu ser, sobretudo a nível do subconsciente, onde o desagradável e insuportável são armazenados pela calada da noite na ignorância do coração e na distração da mente. Seria bagagem para todo o sempre, chamada para todas as circunstâncias em que a vida demonstrasse sinais alegóricos por analogia com essa dor jamais digerida. Enterrara o pai na cova mais profunda do seu espírito, na tentativa de superar o infortúnio que nunca soubera aceitar.

Com demasiada frequência, sentia-se violado e abandonado na sua dor, quando o comportamento das pessoas e a presença das coisas abusavam da sua mágoa assim guardada a sete chaves. O mar, os barcos de pesca, as redes, as velas, os remos, os penedos, e, sobretudo, os outros pescadores e as conversas destes referentes ao caso, escutadas com frequência, tornaram-se afinidade persistente e dolorosa com a memória do pai assassinado. Algumas vezes não podia encarar o calhau, junto ao mar e perto da casa, onde o pai costumava sentar-se a olhar o firmamento e o oceano, nas tardes de estudo das condições atmosféricas para o amanhã da pesca. Sentia por essa pedra um misto de ódio e afeição, e se não fosse demasiado grande e pesada, removê-la-ia no esforço desesperado de atenuar o seu sofrimento. Apesar disso, muitas vezes saía alta noite, sem ninguém saber, para junto dela, a carpir a ausência paterna.

Muitas noites não conseguia pegar no sono ao ouvir, lá fora, o cantar triste da maré, lavando a face lisa das pedras roladas da beira-mar. Era sempre em referência ao oceano que encontrava a maior e a mais poderosa relação com o pai. Sentia-se sitiado, sem possibilidade de escape, na ilha da sua infelicidade, embora já tivesse aprendido a chorar em silêncio, encarando o mar de frente, perdido no horizonte sem fim, em estado de angústia hipnotizada. Deste modo, aumentava a capacidade de resistir à má sorte, à laia de distração amarga da pena que o não deixava.

[....]

À noite, frequentemente, surpreendia a mãe a chorar depois de pôr os mais novos nas enxergas, quase empalhados como sardinhas no calor uns dos outros, por falta de espaço. Ele dormia no quarto mais exíguo da minúscula casa, se quarto se podia chamar a este cubículo de arrumação transformado em autêntico beliche, quase apenas cama de bebé, com a vantagem de lá não caber mais ninguém e poder dar-se ao luxo de dormir sozinho. Uma pequena janela dava para a rua e por ela podia espreitar as estrelas nas noites negras e nas de luar meditar sobre o mar a vibrar ali tão perto. Quando as saudades do pai tomavam proporções de grandeza insuportável para serem contidas no seu cantinho asfixiante, então, saía pela janela que ficava a cerca de um metro de altura do atalho que mediava entre a casa e a rocha.

A mãe, infalivelmente, antes de se deitar, abria a porta do quarto a ver se ele já dormia. Era a seguir a esta visita ritual que transpunha a janela. Aguardava que a porta se entreabrisse para a inspeção materna, fingia-se a dormir, respirava fundo, de olhos suavemente fechados, o mais possível descontraído. Esperava alguns momentos até convencer-se de que ela já pegara no sono e, se a memória do pai a tal o obrigasse, saltava pela janela com cuidado de ladrão. Nunca se ausentava para longe, limitando-se ao conforto da parede baixa, ao lado da casa atarracada, sobre a rocha mediana, da qual o pai

namorava os peixes das profundezas do oceano. Ali ficava até acalmar a amargura de mais uma noite sem pai. Sentia-se, sem esforço nem temor, reincarnado nesse homem e então conversava com ele das coisas que o preocupavam e dos planos para as resolver. E nestes encontros de alma sobre a rocha, ia sempre cair no mesmo desejo de vingar-lhe a morte, fazendo, todas as noites, juras de fidelidade à sua memória. Por fim, saciada a sede de justiça com a promessa de vingança, recolhia a casa, entrando pela janela como saíra e com a maior das cautelas para não acordar a mãe. Só depois conseguia dormir o resto da noite. De manhã, deixava a casa à hora da escola sem intenção de lá chegar. Não vinha a casa ao meio dia, apenas voltava à noitinha para a ceia.

[....]

Ali, nunca mais se libertaria do labéu social de viúva do pescador morto em arraial de festa e do condicionalismo do lugar. Não havia espaço sem críticas para viúvas-alegres, embora isso não a incomodasse muito. Era verdade, tinha algumas pessoas amigas e encontrava-se entre gente conhecida. A ideia da América, no entanto, incutia-lhe a aspiração de uma vida sem barcos nem escamas e sem o estigma específico de classe inferior, condenada à miséria. Emigrando, receberia o batismo do anonimato e a oportunidade de renascer de novo.

Não fazia ideia, nessa altura, do que isso implicaria, do que lhe ia acontecer ao aterrar no Novo Mundo. Deixar de ser gente com nome, deixar de ser quem era, a viúva dum pescador, para ser apenas estrangeira, cujo nome nem saberiam pronunciar. Nas primeiras semanas, sem sentido de orientação nem compreensão do que acontecia à sua volta, passaria grande parte do tempo fechada em casa para não se perder e para proteger-se contra possíveis crimes e violência, numa cidade grande e desconhecida, onde o próximo não existia para amar ou odiar, e as ruas monótonas e o casario uniforme aumentariam a desorientação inicial, antes de estabelecer pontos de referência essenciais à sobrevivência. A igreja portuguesa de Santo António, a escola da vizinhança para onde iriam o filho e as filhas, as mercearias do mercado da saudade e a clínica para os casos de doença.

[...]

O convite da ‘irmã americana’ ia alterar para sempre e de maneira radical a sua vida. A sua generosidade em fazer-lhe ‘a carta de chamada’ com termo de responsabilidade e até o montante das passagens, emprestado sem juros e para ser pago depois de ganharem algum, deixara-a profundamente comovida e reconhecida. Ficara muito contente, mesmo feliz, como nunca na vida, nem tão pouco o próprio casamento produzira tanta felicidade. Aquela carta vinha resolver todos os seus problemas. Adeus miséria, adeus tristeza, adeus luto. Assim pensava com o orgulho de quem já saboreava o sucesso. Todavia, tentou o

melhor possível disfarçar a felicidade do momento por causa das invejas e dos enredos. Guardou absoluto segredo, nem às paredes confessou como se sentia e às crianças não disse coisa alguma, mas passou a olhá-las de maneira diferente, com outro carinho e amor, insuflados pelo otimismo.

No entretanto, desconhecia o mundo interior inconformado e revoltado do mais velho, apenas havia notado que tinha mudado muito após a morte do pai. Para tal encontrava uma explicação simples e convincente: - *o pai fez-lhe muita falta; era uma criança muito apegada a ele; com o tempo há de passar.* Assim se referia ao comportamento estranho do miúdo depois que o marido morrera.

Passadas algumas semanas, não podendo aguentar mais, um dia à noite, à mesa da cozinha, quando todos juntos tomavam a magra ceia, comunicou-lhes a ideia da América, vinda da tia e dos primos. Toda a gente ficou entusiasmada, até a própria bebé parecia ter percebido, alinhando no coro de vozes: - *p'ra América!*

O mais velho, esse, porém, limitou-se a encolher os ombros sem nada dizer, dando a impressão de não reagir, ficando de vista parada, abstraindo do momento presente, como costumava fazer quando tentava escapar mental e emocionalmente às coisas que não queria admitir. Foram precisos vários dias para ruminar a ideia e transferir o assunto da jurisdição da aldeia para a comarca da cidade desconhecida. Afinal, haveria sempre tempo para um ajuste de contas, mais tarde, quem sabe, mesmo pistolada em vez de paulada, numa viagem de regresso. Já não era tão inocente que não tivesse ouvido falar de histórias de armas e violência, ali para o outro lado do oceano...

E nos desígnios dos deuses, embora a injustiça da morte do pai dominasse os seus sonhos e realidade de pré-adolescente, talvez a mudança de ambiente fosse capaz de substituir o ódio da vingança, alimentado nas ruelas solitárias da ilha, pelo desejo de melhores dias na América.

[....]

Depois de uma viagem de cinco horas de apreensão, tédio, sono e confusão, chegava ao aeroporto de Boston esta mãe viúva com as três filhas e o filho. Em passos inseguros e temerosos, passaram pelos funcionários da imigração americana acompanhados de um intérprete. Depois de inspecionada a documentação, foram declarados imigrantes legais, capazes de ultrapassarem a porta de saída do aeroporto e de entrarem na América, segunda pátria de uma boa parte da gente açoriana.

Nunca tinham saído da ilha e poucas vezes da freguesia. No avião sentiram medo. A primeira sensação de voar não foi, de modo algum, agradável. Sem ideia alguma de como aquele pássaro monstro, cheio de gente, sobrevoava as nuvens sem cair, sentiram mesmo uma espécie de pavor mágico e irracional, desconforto de mãos suadas, sem sabor de aventura, a que não faltaram as promessas ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, se fossem conduzidos sãos e salvos até ao seu destino. O menor movimento do avião à procura da rota ou a mais leve trepidação das asas a cortar a resistência do ar era o suficiente para causar calafrios de temores infantis. Todavia, ao cabo das primeiras horas de monotonia e medo, os miúdos adormeceram, chegando a Massachusetts, quase sem dar por isso.

A irmã americana esperava-os do lado de fora da porta do terminal internacional. Foi para ela e as crianças mais que irmã, verdadeira mãe. Já tinha um apartamento mobilado com o mínimo de condições para ser habitado, responsabilizando-se pela renda. No dia seguinte, levou a irmã à COPA (*Cambridge Organization of Portuguese American*) para ser preenchida a ficha do subsídio de assistência à família, passando pela escola para matricular as crianças que ficariam com direito a pequeno-almoço e almoço grátis.

Tudo a decorrer dentro da normalidade possível. As crianças passaram a frequentar o Programe Bilingue, recebendo instrução em português, ao mesmo tempo que aprendiam inglês em classes especializadas. Deste modo, reconhecia-se o valor da cultura e da língua dos estudantes nascidos no estrangeiro como instrumento útil de aprendizagem. Um programa inovador, nascido na costa leste do país, no estado de Massachusetts.

Com exceção do mais velho, que já tinha perdido o gosto pelo estudo há vários anos e permanecia analfabeto, as meninas já com idade escolar integraram-se com relativa facilidade. O rapaz, ao cabo de algumas semanas, começou a usar os velhos hábitos e subterfúgios, saía de casa, mas não chegava à escola. Em pouco dias, a mãe foi avisada pela escola para comparecer perante o diretor e ser informada das faltas do filho. Se não se emendasse, o caso seria entregue ao tribunal de menores. Ficou muito preocupada e nervosa, deveras cheia de medo. O rapaz, porém, não se mostrou, de sorte alguma, impressionado, não parecia importar-se, não contestava coisa nenhuma, continuava simplesmente a fazer o que lhe dava na telha. Desde os sete anos que vivia de acordo com as próprias regras, muito suas, muito originais, codificadas exclusivamente para ele e por ele. Agora não compreendia que tivesse de pautar a sua vida por normas estranhas, numa terra que nem tão pouco o vira nascer. Sentia-se lesado na sua liberdade pessoal, adquirida à custa de muita dor e sofrimento, reflexão e determinação. E parecia não se ralar com o que pensassem dele, não discutia com ninguém, nem com a mãe nem com as professoras, que pelo facto de serem mulheres não percebiam estas coisas de rapazes, julgava ele.

Não só continuou a faltar à escola como também passou a ser acusado de deitar a mão ao que não lhe pertencia. Bicicletas no parque da escola, roupas e sapatos nos supermercados, comidas nas mercearias do bairro. Para ele, tudo isto era manobra muito mais fácil que assaltar as quintas dos ricos da freguesia, protegidas por cães de guarda e caseiros armados de foices e enxadas. Mas não levou muito tempo para a polícia lhe bater à porta em busca de mercadoria roubada. As bicicletas encontravam-se na cave do prédio e outro propósito não serviam senão o prazer de possuir em abundância aquilo que nunca tivera. O resto não foi possível identificar, foi uma complicação dos diabos. Compareceu na esquadra, devolveu as bicicletas, confessou que fora a primeira vez e prometeu que seria a última. Claro, dizer com a boca, por meio de intérprete, aquilo que não sentia no coração.

Aqui, na grande cidade, sentia-se mais limitado, não havia o espaço da aldeia, com ruelas solitárias, atalhos desconhecidos e santuários de refúgio. Apesar da aparente indiferença, tudo era notado, registado e notificado pela vizinhança anónima e vigilante, que, sem sair à rua, não perdia contacto com o exterior. Tudo o que se movia nos arredores era suspeito e sujeito a escrutínio diário. Entradas e saídas, língua e costumes, pessoas e carros, velhos e novos, brancos e negros, asiáticos e hispanos.

Ninguém se podia eximir a este ritual de passagem a residente do bairro operário desta cidade de intelectuais, mesmo à porta das cúpulas do MIT. Neste período de noviciado e inocência originais desta família açoriana, quase sem dar por isso, olhos atentos e rostos fingidos passavam tudo ao microscópio da suspeita sistemática para proteção dos interesses individuais e sociais dos que cá tinham chegado primeiro. Muito para além da curiosidade natural dos primeiros tempos, tomavam nota de tudo, do número de crianças e de gente adulta, com quem andavam e por quem eram visitados, quantas pessoas habitavam no apartamento, como vestiam e se alimentavam, quem os levava e trazia da escola, a quantidade de sacos de comida que traziam da loja, e até se interrogavam e ‘preocupavam’ como podiam viver daquela maneira sem ninguém na família com idade de trabalhar.

Algumas pessoas consideravam injustas as leis do país que permitiam a entrada de pessoas nas condições desta viúva açoriana, sem recursos, a ser sustentada pelos cofres públicos mantidos pela mão de obra dos pagadores de impostos. Esqueciam o investimento humano de quatro crianças e a origem e natureza do país nascido do colonialismo britânico que, depois de reduzir os nativos americanos à ínfima espécie, o transformou em terra de imigrantes a quem se deve tudo o que é hoje, com a única variante de que nem todos chegaram ao mesmo tempo.

Mas a história das bicicletas continuou. Foi o começo de um longo processo de interrogatórios policiais, inúmeras comparências em tribunal e o registo oficial em ficheiro

secreto da esquadra, como alerta de prevenção para futuras infrações mais graves. Além disso, suspeitas na escola de conexão com outros gangues da vizinhança deram à pobre mãe um nunca acabar de sustos e sobressaltos que, sem compreender bem o que se passava, andava de um lado para o outro, convocada para reuniões intermináveis com intérpretes e intermediários, recebendo conselhos e ameaças por causa do filho.

Este, todavia, senão com uma frieza calculada, certamente, com indiferença e distração impressionantes, quando lhe apetecia, faltava à escola, prosseguindo as suas atividades extracurriculares arriscadas. Se não mudasse de vida, iria parar a uma escola de correção para menores delinquentes, não faltando quem intimidasse a mãe com possibilidade da deportação. A ‘irmã americana’ começou a ficar desiludida e frustrada, sem saber o que fazer e, provavelmente, arrependida de lhe ter feito ‘carta de chamada’, o que a tornava legalmente responsável pela irmã e família recém-chegadas. Então, começou a afastar-se dela, deixando-a entregue a si própria, nas mãos da assistência pública, sob a vigilância rude da polícia e a burocracia do tribunal de menores, sem saber palavra de inglês.

Foi quando lhe apareceu um anjo da guarda, numa altura em que se lamentava à entrada da escola. Uma professora especializada em dificuldades de aprendizagem, mas, sobretudo, alguém com coração para as crianças que nunca deixava de ajudar, criando métodos e inventando soluções. Para o caso, elaborou um plano de resgate que, embora não fosse cura mágica para um problema sério e antigo, foi a primeira centelha de luz no túnel de uma obstinação cruel. Telefonar-lhe-ia todos os dias de manhã, antes de sair de casa, a lembrá-lo da escola e a prometer-lhe assistência na sua sala acolhedora para crianças com problemas pessoais e académicos. Foi remédio santo! O rapaz começou a sentir-se mais confiante e a experimentar gosto pelo que fazia, passando a vir à escola com frequência quase perfeita.

Ali, naquela sala, era o lugar onde se sentia respeitado e apreciado pelo pouco que sabia e conseguia fazer. Iniciou a sua alfabetização retardada seis anos pelo menos, e um processo lento, mas constante, parecia delinear-se com atitudes de interesse e vontade expressa de aprender a ler e a escrever. Fazia perguntas e participava nos trabalhos de grupo, o que anteriormente nunca acontecera.

Simultaneamente, o seu comportamento do revoltado mostrou sinais de progresso. As mentiras do costume, as brigas diárias, as desculpas contínuas, a indiferença por tudo e por todos, tornaram-se ocasionais, com tendência natural a ficarem entre as coisas para esquecer. O seu rosto carregado, encobrendo cicatrizes de desespero mal contido, começou a abrir-se como raio de sol trepando as nuvens da manhã na esperança de um novo dia. E já era capaz de sorrir pelos olhos, contagiando os músculos faciais que, desde a morte do pai, haviam paralisado em linhas descendentes como os ramos do chorão, curvados para o

chão. Parecia disposto a inverter a ordem de valores por que pautara a sua existência desde os sete anos de idade. Tinha agora doze. Passou a olhar de frente as pessoas como quem encontrou um propósito na vida, num desabrochar desconhecido, ultrapassando um passado de dor.

Até o seu andar incerto e à deriva parecia transformado pela senda de novo rumo. Costumava olhar e tocar as coisas como quem não se interessa pelas pessoas. A sua atenção divagava no abstrato, na mais completa distração de tudo o que não fazia parte do seu universo. Evitava, a todo o custo, deixar-se olhar nos olhos por quem quer que fosse, fugindo ao menor contacto visual, no receio de que alguém descobrisse a caixinha de segredos do seu mundo proibido. E quanto às fronteiras pessoais, o seu eu terminava onde as suas mãos não chegavam, e, por isso, jamais expressava o pouco que dele compreendia em frases completas com princípio, meio e fim. Uma, duas, três palavras de cada vez, eram o normal da sua produção oral de diálogo e conversa, e os seus monólogos, com certeza, seriam ainda mais sucintos. Nunca aprendera a reconhecer sentimentos e muito menos a valorizá-los como condição de existir. Pouco pensava de si. Sabia apenas que não tinha pai porque outro homem o matara em pleno arraial de música e algazarra, como se morrer não fosse acontecimento doloroso.

Só agora, começava a abrir a janela da sua mente à esperança e ao otimismo, tocado por esta professora que o despertara para bastante mais que os livros e os cadernos. E apesar das suas dificuldades em respeitar saias, passou a sentir-se tratado por essa mulher, com carinho e atenção como nunca antes. Apreço pelos passos de tartaruga, numa conquista de Himalaias, perante a sua recusa de aceitar fosse o que fosse para além das suas preocupações pessoais, e, por conseguinte, quase repugnância por tudo o que cheirasse a instrução.

Apenas lhe faltava um ‘pai’, um pai que o ouvisse, que lhe desse a mão, que, de novo, o encorajasse a andar, que lhe comunicasse ânimo e coragem para tentar, mais uma vez, erguer-se e caminhar, que lhe fizesse ver a sabedoria da azenha, ‘águas passadas não movem moinhos’. E até teve sorte, também encontrou esse homem no psicólogo da escola, que tirou tempo e paciência para as suas histórias de órfão enraivecido. Principiou a perceber que a sua dor era séria e válida, que não era vergonha chorá-la, sentir-se triste por não ter pai. No seu caso, especialmente injusto, residia a maior dificuldade. Não ter pai é muito diferente de não ter pão, mas o mais importante foi que, pouco a pouco, principiou a convencer-se que havia gente que se interessava por ele, que dava valor ao seu sofrimento, que ele próprio merecia mais que o prémio da vingança.

Todavia, infelizmente, chegara extemporânea a idade de ingressar no *High School*, sem ter havido tempo suficiente para cimentar o progresso alcançado, para conseguir suavizar

as suas chagas, continuava ainda demasiado dependente da vontade esporádica dos bons e boas samaritanas da esquina das ruas que, por vezes, não conseguia descobrir. Se antes de sair da ilha, a sua grande paixão fora vingar a morte do pai, planeada com obsessão, agora, cá chegado, e com todos os problemas da sua reencarnação em terra estranha, encontrava-se somente adormecido todo esse clamor de vingança. Muito menos que curado, estava simplesmente adiado, teimando vir ao de cima, em qualquer altura, à mistura com as suas frustrações e dificuldades presentes e antigas, armazenadas no subconsciente. Reacendeu-se facilmente das cinzas dormentes do seu desespero a fogueira ardente do complexo de Édipo, quando lhe chegaram aos ouvidos rumores de que a mãe pensava casar novamente.

- *Casar não, nunca!*

Convencido de que constituiria o maior insulto possível à memória do pai e à sua dignidade de primogénito, não aceitava. Não compreendia e estava disposto a impedi-lo com todas as artimanhas ao seu dispor.

- *Não pode, não vai acontecer!*

Repetia a si mesmo, no esforço de eliminar qualquer dúvida.

Quando parecia ter encontrado um pouco de água para matar a sede da injustiça, aparecia esta crise de ciúmes da própria mãe enviuvada.

- *Pai e marido, só um!*

Revia-se no lugar do pai, o único homem na família.

- *Se alguém devia substituir o pai à cabeça da família era ele, o filho mais velho.*

Deste modo, passou a mostrar à mãe cara trombuda para se impor e reclamar o lugar de primogénito. Não a deixava em paz e fazia a vida negra às irmãs. No *High School*, regressou à greve da aprendizagem, irritando os professores e professoras, provocando toda a gente à sua volta, desafiando castigos e suspensões disciplinares. De novo, não conseguia estar sentado dois minutos seguidos.

A complicar mais as coisas, no complexo habitacional onde vivia, fazia-se tráfico de drogas. Uma mãe solteira do apartamento superior passava a noite a vender drogas, para dormir durante o dia e alugar o corpo a clientes selecionados, enquanto o filho e a filha se encontravam na escola. Crianças de pais incógnitos, desconheciam também o que a mãe fazia. Não se tratava de gente portuguesa e as respetivas mães não se conheciam, nem conseguiam comunicar uma com a outra, apenas sorriam e balbuciavam o *hi!* da fria cortesia americana, quando se encontravam. Todavia, esta barreira linguística não impedia que os miúdos brincassem juntos, para as crianças não há fronteiras intransponíveis. Um pouco mais velho que os vizinhos americanos, invejava as coisas que estes usufruíam com o dinheiro de que a mãe dispunha, e embora sentisse inveja dos dólares, não experimentava simpatia pelas drogas, dominava-o uma espécie de fobia religiosa. Para ele

era como tomar veneno e ainda não estava disposto a morrer, pelo menos antes de vingar a morte do pai e evitar o casamento da mãe.

Já fumava e, ocasionalmente, tomava uma cerveja, mas ainda não se embebedava. Era mais por afinidade cultural. De certo modo, prova de masculinidade e desejo de ser homem antes do tempo. O próprio pai o iniciara no primeiro cigarro e levava-lhe à boca o golo amargo da cevada em ritual de passagem na Melo Abreu. Quanto aos cigarros, fizera caretas e cuspira no chão, decidido a não tocar mais neles. Claro, promessa que não cumpriu, simples impressão de momento, suplantada por tentativas posteriores, encorajadas por companheiros, na aspiração de serem gente crescida. Por outra parte, embora o pai não fosse um bêbado crônico, ocasionalmente embriagava-se com cerveja e aguardente, dando ao filho a impressão errada de que, uma vez por outra, em situações de felicidade ou infelicidade ocasionais, era a melhor maneira de calar a boca à miséria. E dor e tristeza bem guardadas não lhe faltavam, de novo, extraídas ao seu espírito abalado pela possibilidade presente dum casamento da mãe.

Não conseguia ‘curar-se’, recaindo no conforto das amarras da salvação da infância, atrelado à proteção do pai e à imprescindibilidade da mãe, sem encontrar o trilho das próprias pegadas. Por descobrir encontrava-se o mundo da sua individualidade, voltando a afundar-se em oceano de pesadelos, povoado por monstros invencíveis. Continuava indefinido e confuso, como apêndice de algo absurdo sem substância nem acidentes. Vegetava refugiado em memórias do passado, na detestável ausência dos braços do pai e na pobreza confortável do regaço da mãe, sem atingir a terra de mel e fel da dura realidade do presente. Sem pai e na contingência de perder a mãe a favor de outro homem, que nunca tinha visto, voltava à luta de guerrilha psicológica. Assim, não passava de bebé teimoso, recusando saborear os sonhos e os riscos da adolescência, adormecendo ainda embalado pela mão da mãe no berço da inocência e não conseguindo sair do lado do pai já falecido.

Catorze anos completos, feitos do que já não existia, sem conseguir libertar-se dos fantasmas de outrora. Verbalizava dificuldades com os - *não posso, não quero, não gosto*, sem chegar à descoberta dos porquês. Desde modo, existia neste impasse de não poder regressar ao passado e na incapacidade de aceitar o presente como cenário promissor do seu crescimento humano.

A escola voltava a não fazer sentido, mesmo na perspectiva da conveniência profissional do ganha-pão, e, se o corpo crescia, a mente regredia, alimentando o coração e satisfazendo o espírito na única aspiração da sua vida - vingar a morte do pai!



FILHO DE AMOR E CIÚMES GENTE SEM NOME – ESTÓRIAS DE MIGRAÇÕES. PONTA DELGADA, JORNAL DE CULTURA, 1994, PP. 38, 38

“Singularmente bela, quase nos trinta, duas vezes mãe sem perder o encanto do seu corpo fresco e saudável, embora sólido e firme. Pernas e braços moldados no buril da inspiração natural, seios vibrantes e plenos de vida, face delineada a gosto de simplicidade e graça, olhos profundos, melancólicos e negros, como a noite em mistério de sedução e intimidade, lábios sensuais de atração irresistível. Autêntico milagre da natureza. Bem merecia um pedestal na estética da Acrópole Ateniense ou do Fórum Romano, para desfile da beleza humana de todos os tempos. Com certeza, antes de por mão na lava fecunda dos Açores, ao decidir dar-lhe forma, Deus terá consultado o génio florentino, Miguel Ângelo. Com permanência mais longa nos Estados Unidos que nos Açores, falava inglês sem comando linguístico para além do nível de comunicação corrente e português com fluência limitada e pronúncia da ilha onde nascera. Chegara cá com treze anos, para apenas três depois deixar a escola e mergulhar na fábrica, a tempo inteiro, à procura do dólar da ambicionada riqueza. Ingénua, jovial e espontânea, depressa se tornou a isca cobiçada dos patrões, as aspirações desenfreadas dos solteiros e mesmo o sonho da esperança inconfessada dos casados, prontos a quebrarem os laços e as amarras matrimoniais pelas graças desta jovem sem diploma liceal.

Saboreando os favores da sua beleza original, nos dezasseis anos de adolescência cativante e exuberante, deixou-se ficar na contemplação das suas doces primaveras. Aos dezoito, porém, as coisas mudaram. A sua presença, simplesmente, não podia ser ignorada. Foi então que começaram a surgir as solicitações diretas de gente com carteira e propósitos. Podia escolher, desde os convites triviais para cinemas e jantares aos passeios de fim de semana para o *Cape Cod* ou viagens dispendiosas e programadas de férias exóticas, em Miami, Ilhas Virgens, Bahamas... Aqui, o sol tórrido, a areia quente e a música de embalar, ao ritmo do batuque e à sombra das palmeiras, seriam cama fácil de amor, até ao ar livre, em maré alta, no seio do mar, berço das origens. Bastaria desfraldar as velas e deixar correr o barco à mercê das ondas do vaivém voluptuoso da distância, em horizontes de prazer imensurável.

Todavia, se não se deixou levar na corda bamba do delírio, foi mais pela estrutura da família e pela aprendizagem rápida de que a maioria destes aventureiros de convites fáceis navegavam no cheque da semana, que não chegava ao banco e apenas se interessavam por matar a fome do sexo na fonte do prazer que o seu corpo belo e jovem proporcionava. Antevia-se sordidamente expurgada por eles, como ladrões de pérolas, desvairando-se na cupidez de lhe acariciarem o rosto, massajarem as pernas, espremerem os seios e medirem a cintura com mãos grosseiras, na mesma fúria com que se masturbavam em noites de frustração ou faziam sapatos a *'piece work'*, contando os dólares donde saíam os deleites da carne."



UMA PESSOA SÓ É POUCA GENTE (EXCERTO) UMA PESSOA SÓ É POUCA GENTE. LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, 2000, PP. 38 A 43.

"Tudo a postos, orçamento planeado, malas feitas, passagem comprada. Depois, vieram as despedidas e a partida. Ainda se lembra bem quão difícil foi dizer adeus aos amigos de infância que, apesar de algumas rixas e brigas, vivia-se quase em irmandade total na pequena aldeia plantada à sombra da rocha e à beira do mar. Mas arrancá-lo aos braços da família foi, de certa maneira, traumático. Ainda pré-adolescente, a sair assim pela porta fora, por vários meses e numerosos anos, em ausência cruel, sem telefone nem avião, acabando por contentar-se apenas com a cartinha mensal regada de lágrimas, quando o correio não se atrasava e o mar permitia o navio chegar à ilha. Da sua terra, praticamente, apenas se ausentavam os jovens para o serviço militar, já nos vinte, de resto, saía-se de casa para casar, e muita gente até depois de casada continuava a viver debaixo do mesmo telhado, onde tinha sido gerada e criada. Ninguém se dava ao luxo de luas-de-mel.

Enfim, partir é sempre difícil, não importa quando, porquê e para onde, e nos primeiros anos da idade da razão, particularmente confuso e melindroso. Muito mais que quebrar com a inércia do conhecido e familiar. Sobre tudo quando se parte na certeza da ausência e com a saudade já no peito. Tomar o navio em viagem longa e morosa, a rolar sobre as ondas, em camarotes nauseabundos, salas infestadas, ambiente desconfortável e barulhento, entre gente enjoada e gado malcheiroso, muito menos que aventura agradável. Até para dormir nestes beliches imundos tornava-se necessário subornar os encarregados de bordo. Sem gorjeta não havia acomodações. Negócio imoral para alguém de doze anos, mas talvez sobrevivência necessária contra os salários de miséria da Insulana de Navegação.

A travessia entre as ilhas, com paragens obrigatórias, mas sem horário certo para carga e passageiros, fazia-se nesta altura no avoengo *Carvalho Araújo*, a pingar de ferrugem, tombado para a direita, gemendo de cansaço e maldição, como quem chora mágoas dum passado desconhecido e obscuro. Em condições normais, entre as ilhas mais distantes, consumiam-se duas noites e dois dias, neste calaboço ambulante, categorizado por três classes com limites físicos e privilégios estabelecidos, a que não faltava a tortura do enjoo e a falta de higiene, embora viajando em segunda ou primeira. Por toda a parte, havia baratas gigantes e moscas varejeiras, bem alimentadas nos resíduos de estômagos convulsos que não conseguiam coordenar a atividade digestiva com o balanço das ondas. Com raras exceções, a tripulação era incivilizada, procurando sempre tirar partido de compensações monetárias de ocasião. Podia-se comprar fruta e outros objetos de contrabando, sobretudo relógios e rádios transístores. Para ele tornar-se-ia ritual indispensável reservar algumas patacas para um ananás, matando assim a tentação de

gulodice do fruto proibido da ilha do Arcanjo, sentado num canto qualquer do convés até que a língua e os lábios aguentassem toda aquela acidez tropical.

Jogar às cartas era outro dos passatempos favoritos para iludir o tédio e matar as horas intermináveis do percurso. A travessia do grupo central tornava-se, todavia, mais interessante. O navio atracava à doca no Faial, dando aos passageiros a oportunidade de pisar terra firme sem intermediários de lanchas. Mesmo colados às escadas do vapor haviam sempre vendedores e vendedoras picoenses, de albarcas de borracha em forma de gôndolas, e chapéus de palha à semelhança de sombreiros mexicanos, com cestas de fruta deliciosa. Daqui até à Terceira, pelo mar, a visão das ilhas centrais, sobretudo, em noites de luar, era extraordinária.

Nestas viagens à procura da santidade e da sabedoria, a diferença era notória entre os viajantes com destino ao Seminário e os viajantes com rumo aos liceus das capitais dos distritos de então, Horta, Angra e Ponta Delgada. De fato preto e colarinho branco, aqueles tinham de se comportar como era devido, em todas as circunstâncias, mesmo quando o vento malcriado levantava as saias femininas ou a arrogância do pessoal de bordo merecia uma resposta torta. Os estudantes “laicos” relacionavam-se de maneira diferente. Conviviam, naturalmente, com os colegas de ambos os sexos, o que para os candidatos ao sacerdócio situava-se para além das normas eclesiais. Havia sempre olhos invisíveis que tudo levavam aos ouvidos do bispo, ao conhecimento do reitor e à consciência do padre prefeito.

Tornava-se uma luta contínua pelo controlo da curiosidade inata de conhecer e descobrir, e pela subjugação dos instintos naturais da complementaridade humana ao ideal da vocação. Os mais dotados de espírito poético idealizavam mundos irreais e os mais prosaicos procuravam aguentar com heroicidade de santos em miniatura. A todos, porém, o desgaste e a frustração começava a minar qualquer possibilidade de uma adolescência normal e feliz.

Recordava-se perfeitamente da sua primeira viagem marítima de longo percurso, passando por várias ilhas. Chegara à baía de Angra, em meados de setembro, numa tarde sonolenta de céu nebuloso e mar encrespado, após o navio ter apitado três vezes em frente ao Monte Brasil, espalhando nas cinzas do vulcão adormecido ecos dum passado ainda bem visível. Impressionou-o vivamente a cidade na sua “grandeza” e configuração colonial de ruas convergentes para o porto, com destaque para as amplas mansões dos antigos capitães donatários no branco da sua talha antiga e varandas rasgadas; tudo ainda protegido por longa e imponente muralha contra a cobiça dos piratas do tempo das galeras e caravelas; e, mais tarde, símbolo das resistência aos Filipes de Espanha, que lhe mereceu o título de Heroísmo.

A cidade fora sede da Capitania Geral do governo das ilhas e ainda o é do bispado diocesano, para recentemente ter merecido as honras de cidade-património mundial. Todos os seus habitantes conhecem a história da ilha, mesmo o João dos Ovos, o “bobo” das touradas à corda, que era capaz de discorrer sobre as aventuras dos Cortes-Reais, a ocupação espanhola, o patriotismo do Prior do Crato e as lutas fratricidas de D. Miguel e de D. Pedro, este último ainda hoje espetado no cimo do Alto da Memória, com notoriedade mesmo para quem chega pela primeira vez à baía de Angra.

Em breves momentos, os bagageiros chegaram a bordo, armados de giz, invadiram os camarotes em busca de malas e caixotes que assinalaram e se encarregaram de fazer chegar até à alfândega, mediante gorjeta estipulada. O desembarque dos passageiros deu-se nas lanchas da Capitania do Porto, por entre respingos de maré vazia. De seguida, dirigiu-se à alfândega para pagar despacho pelos volumes, o que, embora uns magros vinténs, era muito dinheiro por esta aberração de cobrança entre ilhas do mesmo país e região. Nesta altura, vinte escudos não era fácil deixá-los sair pela mão fora.

Tudo lhe pareceu tão grande como doze anos depois, ao chegar a Roma. Sim, a pequena cidade de Angra pareceu-lhe mesmo grande por comparação com a pequenez da sua aldeia, onde conhecia todo o mundo, e de cima de qualquer outeiro podia cheirar a refeição do meio-dia e apreciar o casario fumegante até às nuvens. Subiu de táxi pela rua de S. João, Rua da Sé, da Miragaia, e, por fim, estava em frente à porta santa do Seminário Maior de Angra, sem família nem amigos, só com as suas malas e a ideia de ser padre. O porteiro indicou-lhe onde ficava a Prefeitura de São Luís de Gonzaga, mais conhecida por Prefeitura dos Miúdos. Lá o esperava o padre prefeito e outros colegas, já com cama feita e malas arrumadas.

Recebeu com muita atenção as primeiras instruções e começou a arrumar a sua bagagem de parques haveres, deixando a barra de ferro pronta para a primeira noite da longa estada fora da terra natal e longe da casa paterna, onde fora dado à luz e crescera com as plantas cultivadas com cheiro a terra virgem. Os quartos de dormir eram enormes camaratas com dúzias de camas dispostas em filas paralelas e de pés voltados umas para as outras, em silêncio de casa mortuária e monotonia de convento com peso de caserna militar, ao lado de longo corredor com numerosas bacias e duas sanitárias, à volta das quais esperaria sonolento todas as noites e manhãs para satisfazer necessidades indelegáveis e lavar a cara e os dentes. Ainda não fazia a barba. Tudo em mudez rigorosa, apenas se ouvia bocejar.

Logo no dia seguinte, sem tomar bem consciência onde se encontrava, ia adicionar à sua adolescência e juventude uma série infinda de rezas sistemáticas e meditações

programadas. No Seminário rezava-se muito e continuamente, antes do sol nascer e antes de se pôr os pés no chão e o corpo fora da cama, traçava-se o sinal da cruz sobre o rosto ensonado, balbuciando o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Ámen. Aí por volta das cinco e meia da madrugada, ainda noite escura, o prefeito arrancava do sono todo este contingente, batendo palmas impiedosamente, enquanto atirava aos ouvidos de todos eles a primeira jaculatória do dia, com voz embaciada e presa aos catarros do fumo do cigarro:

- *Benedicamus Domino.*
- *Deo gratias.*"

DOCE MEMÓRIA DO PASSADO - GENTE SEM NOME – ESTÓRIAS DE MIGRAÇÕES. PONTA DELGADA, JORNAL CULTURA, 1994, PP. 112-113 E 114.

“Oito, o pai e a mãe, três rapazes e três raparigas. Sadios, felizes, com mesa abundante, roupa lavada e alegria de viver.”

O pai, o homem da calma e da moderação personificadas. Dificilmente se irritava com alguém ou coisa alguma e, quando tal acontecia, não era das atribuições alheias.

A mãe, mulher simples e espontânea como o meio ambiente onde nascera e vivia - a rocha que lhe fazia sombra e onde cresciam plantas aromáticas, e a planície que lhe dava o sustento. Era uma rocha arborizada e fértil, dela brotavam as águas da terra, cristalinas e puras, caindo para o vale e cantando ao desafio com as águas do mar.

Parte da família viera com olhos azuis e cabelos louros; outra, morena de pele e cabeça escura, numa variedade intrigante capaz de oferecer aos antropólogos e historiadores pistas de investigação para uma melhor compreensão do povoamento da ilha.

Habitavam uma casa sólida, construída de pedra e cal, erguida mesmo no sopé da montanha que subia, até às nuvens, quase em vertical. Como toda a gente do povoado, viviam da agricultura, do cultivo do milho e do trigo, dos vegetais e da fruta, das vacas e das ovelhas, das galinhas e do porco, do peixe e das lapas.

Ele era um bom pescador de pedra, nas horas vagas dos afazeres da terra e nos domingos da proibição dos trabalhos servis. Ela, por sua parte, quando a maré descia, dava um salto ao calhau da beira-mar para complementar a ceia com um prato de lapas, quase sempre em forma de açorda com batatas, cebola, alho e uma pequena amostra de hortelã. Que

delícia! Era comer e chorar por mais. Da quinta, ao lado da casa, vinham as bananas de todo o ano, as laranjas do inverno, as maçãs do verão e os araçás do outono.

As flores, essas cresciam um pouco por toda a parte, sem cuidados nem a mínima atenção, mesmo antes da primavera chegar, com destaque para as hortênsias. Nascidas por geração espontânea, multiplicavam-se livres pela graça da natureza e virtude do sol e da água que nunca faltavam. Qual éden de fertilidade, cresciam nos ‘marouços’ de pedra, nas bermas das ruas estreitas, nas margens dos ribeiros de água verde e em qualquer lugar onde encontrassem pó de terra fértil, transplantadas pelo vento do nascente e pelas aves laboriosas e felizes.

Gente prazenteira, autossuficiente, despreocupada, produzindo sem ambição de riqueza, no contentamento da alegria comum, vivendo e crescendo à espera de vez para continuar a espécie nas pegadas dos progenitores. Segundo a tradição familiar, procriava-se anualmente. Nesta missão e ramo de linhagem, tinham vingado seis rebentos, os mais robustos, na mais pura lei de seleção e rejeição. Sete, não tinham conseguido satisfazer este rigor de sobrevivência natural, numa altura em que tudo acontecia na cama, da geração ao nascimento e da doença à morte, sem hospitais e na maior parte das vezes sem assistência médica. Apenas a parteira local, formada na escola da experiência e da boa vontade.

Quanto à organização profissional da aldeia, os homens encarregavam-se das terras e dos animais. Semeavam o milho e o trigo, as batatas e os feijões; plantavam as couves e as cebolas; mondavam as searas e faziam a ordenha das vacas. As mulheres tomavam conta da casa e da disciplina das crianças com direito de recurso à autoridade paterna que, em casos de emergência, funcionava como tribunal de apelo. Ocasionalmente, davam a demão à labuta dos campos.

A tosquia anual das ovelhas era acontecimento festivo e idílico, em baldio comum, no ‘mato’, onde o ar purificava os pulmões e as rosas selvagens falavam de amor sem pecado. Nesta altura, toda a freguesia que podia andar, subia a montanha e adorava a natureza, na idolatria do sol e da luz. Dos poucos momentos felizes nas entranhas do húmus terrestre e longe dos olhos do mar, mas com um oceano de hortênsias a perder de vista, azuis e rosadas, com folhas rendilhadas de verde mimoso. Aqui, era o lugar ideal para se apreciar as tonalidades do firmamento sem nuvens, quando a terra se passeava de cara para o sol até dizer-lhe adeus no horizonte da distância, à espera de mais uma noite de silêncio. Todavia, a mais veneranda vegetação da floresta ilhéu eram os aromáticos cedros retorcidos e os zimbrieros rasteiros, testemunhas da primeira semana da criação da ilha, sem nunca lhes ter sido permitido crescer senão ao gosto do vento.

As ovelhas eram encurraladas, tosquiadas e assinaladas as crias. Servia-se lauto almoço, todo preparado lá em cima da rocha. Canja de galinha, linguiça assada nas brasas, ovos cozidos, pão adubado, leite das vacas mungidas na altura, vinho e água cristalina e fresca, emanada do seio generoso da terra. Ali, o apetite era redobrado.

Descida a montanha, todo o mundo retomava a vida descontraída no vale à beira-mar plantado. Não havia grande pressa de chegar a parte alguma, nem preocupação de tempo para nada, ninguém falava de minutos ou segundos. Bastava a referência do nascer e pôr do sol e as doze badaladas do sino da igreja ao meio dia, lá em cima no outeiro. Mas o tempo estava bem definido. Havia horas certas para trabalhar e descansar, deitar e levantar, e uma rotina bem estabelecida para as refeições, almoço, jantar e ceia, sem lanches ou merendas nem confusão alguma entre a manhã e a tarde.

O sol era a valiosa referência, o grande pêndulo oscilando entre a luz e as trevas na imensa abóbada celeste. Qual relógio sem necessidade de ponteiros, bastava a sombra das árvores, das paredes, dos edifícios e sobretudo da rocha para indicar com precisão, quase eletrônica, a altura do dia e a proximidade da noite. Assim, do pouco para escolher, restava tempo para tudo. Para a entreajuda, para a conversa amiga e até, às vezes, para a maledicência e intriga.

A missa dominical era de longe o acontecimento semanal mais concorrido, marcante e significativo. Servia não só para o cumprimento do preceito religioso como também constituía oportunidade única para congregar toda a população, que, de cara lavada e corpo perfumado, envergava os melhores vestidos e fatos, guardados e esmerados só para estas ocasiões. Depois da celebração, não havia pressa de regressar a casa, sobretudo para os homens que se deixavam ficar no adro atualizando-se nas novidades da terra, discutindo negócios e planeando tarefas agrícolas. A gente jovem aproveitava para se iniciar na aventura do namoro, experimentando as primeiras sensações de afeto e amor, idealizando uniões futuras que se pautavam por normas tradicionais rigorosas e exigentes, sob a vigilância de toda a freguesia.

Nos domingos e dias santos não se trabalhava, era pecado fazê-lo. Passeava-se, falava-se, faziam-se visitas de cortesia ou pêsames, por ocasião dos nascimentos e batismos, casamentos ou enterros. As mulheres iam direitas para casa, ficava feio ficarem-se pelas praças, o lugar delas era lá, pensava-se. Eles passavam a maior parte do dia portas para fora, jogando às cartas, fumando, discutindo, empinando os copos nas tascas. Só regressavam quando o estômago dava horas.”

AMOR À ILHA

*O lenço branco do adeus
na hélice desfraldada.
De fumo escurece e
como Ajax
cai.
Adelaide M. Batista*

O amor à ilha é grande, quase não tem limites, transcende as próprias dimensões do arquipélago e continua pelas sete partidas do mundo. Até já descobriram a décima, e há muitas outras, fundeadas algures, um pouco por toda a parte, com muito do que fica atrás, no meio do Atlântico, sem jamais ser esquecido. Para aqueles e aquelas que ainda lá contam com alguns metros de solo firme e milhas e milhas de mar sem fim, o sentido da pertença é mais forte. Para todas as outras almas que a deixaram sem terra para a sepultura, ambicionam adquiri-la a qualquer preço, mesmo que seja necessário sacrificar o melhor tempo da vida, na expectativa da visita de saudade ou do regresso definitivo, um dia mais tarde.

Daqui, vem o sonho e a aspiração da casa de verão ou da habitação entre dois mundos para os últimos anos da existência. Neste ciclo de partir sem esquecer ou partir para regressar, a gente dos Açores alimenta o grande amor à ilha que a viu nascer, e não admite que se lhe negue o retorno ao seio terrestre, se lá desejar ir morrer. Nem tão pouco, quando o sucesso lhe bate à porta, desaparece o gosto da originalidade insular. A montanha nos braços do mar só ali é evidente, pode ver-se e tocar-se, sem necessidade de provas, basta ter olhos e mãos, e ser capaz de apreciar as coisas transparentes no azul da felicidade.

Assim, esta gente vive da paixão da ilha e da disponibilidade do mar, consciente de que nada substitui a simplicidade do ser, nascido das entranhas quentes do cosmos materno. Este amor até cresce à distância, no contraste do tempo e da ausência, para converter-se em parcela indispensável de uma herança requerida, que é preciso preservar como identidade preciosa, no meio da multidão errante. Ali, mais que em qualquer outro lugar, torna-se parte integrante do caráter dos seus habitantes, por vezes levado ao exagero do bairrismo e do divisionismo, mesmo muito próximo do fanatismo da autoprocamação de cada um, na miopia da realidade e na desfocagem da paisagem. Então, os pecados mais comuns são os complexos de superioridade / inferioridade das maiores e mais ricas, das mais históricas e mais compridas, das mais altas e mais típicas, das mais pequenas e mais bonitas.

Todavia, nem este culto da ilha conseguiu preservá-la da desigualdade social, estabelecida e fomentada pelo direito exclusivo de propriedade que o rei e os nobres usufruíram, quando a descobriram e povoaram. Deste modo, os teres e haveres da classe privilegiada foram-se acumulando em fortunas consideráveis, num processo sucessivo de heranças e casamentos, aquisições e rapinas, nascendo, deste condicionalismo consuetudinário / legal, a caravana dos sem-nada, até há pouco mão de obra quase grátis.

Muitos destes trabalhadores rurais assalariados, antes do grande êxodo da segunda metade da década de sessenta, rumo às Américas e Bermudas, costumavam ser leiloados e escolhidos a dedo, nas encruzilhadas dos caminhos e nos adros das igrejas, como quem aluga cavalos em praça de gado, depois de examinar-lhes os dentes. E embora a oferta do salário regateado fosse ridícula, insuficiente para matar a fome, naqueles tempos de carestia e injustiça codificadas e abençoadas, caía como osso descarnado no meio de lobos famintos. Qualquer vintém, por mais magro que fosse, era melhor que nada. Não existia outra alternativa senão curtir a fome ou deixar-se explorar, involuntariamente, por um preço indigno.

Nas calças e camisas do serviço da semana, negras como a lama das herdades e hirtas como o barro dos dias de chuva, escondiam-se os músculos secos desses homens sem dignidade reconhecida, embora autênticos mestres de agronomia, com longos anos de experiência e força corporal para adubar os campos a fim de que nada faltasse aos donos das granjas, apesar de quase nada chegar à mesa dos que a trabalhavam com esmero de escravo. Era um vaivém frenético e penoso da enxada a bater o torrão à procura do útero fértil da terra mãe para depositar a semente, que mais tarde seria a colheita do ano. Deste feitio, convertiam a face da terra em valas longas e profundas com tanto cuidado e perfeição como o marceneiro que transforma os troncos brutos em formas de plasticidade primorosa, insuflando o espírito na matéria. Por um salário mesquinho e zelo servil, em rebeldia controlada, davam alma ao grão que no tempo próprio nasceria e cresceria à porfia. Por tal dedicação e eficiência outro apreço não recebiam que promessas vagas de emprego e mais trabalho. E esta gente quase não se queixava, resignada e esperançada numa vida melhor, pelo menos, para depois da morte.

No dia seguinte, encontrar-se-iam na praça à procura de trabalho, prostituindo-se e competindo entre si por uns miseráveis patacos. Os caseiros dos senhorios começavam pelos mais jovens, decrescendo a oferta na proporção inversa da idade. Quanto mais velho menos dinheiro, e, com frequência, mesmo nada, regressando a casa de mãos vazias e enxada ao ombro, sem pão nem coração. Apesar de tudo, após mais uma noite de pesadelos, era preciso erguer, alta madrugada, para de novo tentar a sorte, no mercado da vergonha, na luta pela sobrevivência.

Lá estariam, prontos para mais um dia de longas horas de labuta, sob o sol abrasador e humidade quase a cem por cento de saturação, no seio poeirento das quintas e herdades, onde nem poderiam matar a sede todas as vezes que o desejo de beber se tornava mais penoso que a necessidade de dobrar as costas. Mesmo um insalubre cigarro, habitualmente, só era permitido com as mãos na enxada e a transpiração no rosto, como se custasse demasiado ao patrão conceder alguns momentos para tragar o fumo. Para engolir a broa dura e o chouriço frio, regados com um pouco de café morno ou água choca, esperavam pelas badaladas do meio-dia no sino do campanário.

Para estes homens do campo, o trabalho recomeçava, todas as manhãs, logo que o sol mostrava a face rosada no horizonte distante do mar e apenas acabava quando negava a luz gratuita dos seus raios para se esconder nas costas da ilha. Então, voltavam a casa cobertos de pó e banhados em suor, único bálsamo da pele e do espírito, consumidos pelo calor e pela sede, quase de estômago vazio, moídos pelo cansaço físico e atormentados pela incerteza do dia seguinte.

Uma vez das portas para dentro, não lhes restava energia nem paciência para mais nada, nem para as crianças nem para a mulher. Ensopados até aos ossos pelo suor ou pela chuva, lavavam as mãos e a cara na bacia de esmalte e os pés e as pernas na celha de madeira, esfregados com pedra-pomes e espuma de sabão azul. Engoliam, sem entusiasmo, algumas dentadas, muitas vezes sopas de pão de milho e leite, ou batatas e peixe, ou uma simples sopa de couves, e iam direitos para a cama com o mínimo de roupa enxuta para o corpo, mergulhando no sono dos pobres, sob o estímulo do cansaço, como se nada houvesse para além da terra a cavar, no outro dia, quase a preço de sangue.

O inverno, porém, com longas noites de chuva e de vento, e menos que fazer nas terras, era a época ideal para procriar e satisfazer o apetite sexual, sempre, todavia, com a consciência em sobressalto não fossem lá pecar. Se esta vida era já difícil, ninguém se podia dar ao luxo de perder também a felicidade eterna na outra. Além disso, mandava o preceito religioso que toda a gente batizada e praticante era obrigada à castidade prématrimonial. As relações sexuais antes do casamento eram falta gravíssima e desonra sem desculpa. Mesmo os cônjuges que se encontrassem em união abençoada pela igreja, relações não podiam ter sem o temor do pecado, o medo do inferno e a vergonha da confissão. Quanto ao sexo, havia regras bem explícitas a cumprir e rituais a seguir, sujeitos a rigoroso interrogatório, todas as vezes que alguém fazia a ‘desobriga quaresmal’.

Por outro lado, segundo a crença de então, mesmo o trabalhador rural, na terra com a enxada na mão ou na cama com as mãos na mulher, tinha sempre sobre ele o olhar de Deus a observá-lo. Estava em toda a parte e não havia maneira de escapar-lhe. No caso de distração divina, lá estaria o anjo da guarda, numa presença constante de salvaguarda e

proteção das almas mais distraídas. Não se apelava à responsabilidade individual. O comportamento moral dependia mais do controlo comunitário e da vigilância divina que das convicções pessoais.

A esperança na vida futura e a aspiração da recompensa merecida para depois da morte era sincera e profunda. Em tempos recentes de um passado que ainda perdura, constituía a única saída válida para esta gente, que apenas aí conseguia encontrar coragem e ânimo para suportar o sofrimento pessoal e a injustiça social. Para as questões inexplicáveis das doenças fatais e das mortes acidentais, igualmente, lá ia buscar uma explicação conveniente, simples e convincente - *a vontade de Deus*.

Quanto à pobreza, unicamente nas encostas da colina das bem-aventuranças e na sublimação das suas privações materiais, ia encontrar o pão do céu. Era lógico, Jesus nascera e vivera pobre, prometendo o céu a quem o imitasse. Assim, segundo a mística católica do desprendimento das coisas mundanas, a salvação eterna estava facilitada aos carenciados de bens. Quanto aos ricos, entrar no reino dos céus era tão difícil como a um cabo de aço, de três centímetros de diâmetro, penetrar no fundo de uma agulha de latão. Única consolação dos pobres! Desta maneira, não só era legitimada a pobreza, como também cristianizada e valorizada, transformando-se as montanhas de carestia presente em vales de abundância futura. Neste fio de esperança assentava a resistência secular desta gente abusada que se contentava com as promessas do Céu.

Lógico também o facto de que nas ilhas muito pouca gente voluntariamente põe termo à vida pessoal ou alheia, em contraste com os povos do sucesso económico e do progresso material. No arquipélago, espera-se pela morte natural na resignação do Altíssimo como nos terceiros mundos das necessidades primárias, onde há indicações de que as crises psíquicas são menos graves que no mundo da abundância. Aqui a existência humana requer muito mais e a tolerância pessoal e social bastante menos.

Tudo parece apontar mais para uma questão de fé que de prática religiosa, o que não deixará de ser interessante e expressivo observar em futuros estudos religiosos, num mundo com menos faltas de recursos básicos e sem competição político-religiosa entre fiéis e ateus. Com certeza que afluirão do subconsciente religioso e da consciência da fé novas e sérias interrogações quanto à justiça e ao progresso, à religião e à vida. E quem sabe, uma nova perspetiva das revelações sobrenaturais e das manifestações extraordinárias do divino, dos milagres físicos e dos santuários das graças e crenças.

Mais ainda, se algum dia for resolvida a pretensão ocidental ao ouro preto do Médio Oriente, a sangrar das mecas negras do Islão, sob a pressão das 'cruzadas democráticas' do Ocidente, e finalizada a conversão da Rússia ao rosário dos pastores, então, talvez seja

tempo para repensar as outras crises do globo, sem ódios políticos nem fanatismos religiosos. Os conflitos dos pagãos e dos deístas, das sinagogas e das mesquitas, bem patentes na terra prometida da Palestina, são quase tão antigos como a própria história da humanidade. E, no resto do globo, continua a ser autêntico escândalo, a vanglória e vaidade das religiões organizadas, católicas, reformadas ou derivadas. Através do mundo, é bem visível o rosto da injustiça nas favelas e barros latinos, onde a religiosidade coexiste de mãos dadas com a pobreza; na fome das praças africanas mergulhadas no espiritual da miséria, em parte, fruto do racismo e do colonialismo europeu de outrora; na insensibilidade humana do materialismo capitalista; na indiferença transcendental das meditações orientais, expressão dum viver contínuo de rituais e incenso, com muito de evasão e pouco de realismo. Enfim, por toda a parte, piedade não falta, falta compromisso existencial.

Nas ilhas, longe dos centros mundiais das grandes decisões de guerra e paz, violência e destruição, morte e vida, na maior parte dos casos, há fé e resignação capazes de resolverem as tensões da alma na esperança de um futuro de bem-estar, pelo menos, na outra vida. Todavia, a sua expansão humana, por necessidade, conveniência e preferência, transcende o arquipélago, transformando-se em presença quase universal, no traço de união de quem partiu e de quem ficou, e tornando-se, inevitavelmente, vulnerável à *epidemia* do progresso. Deste modo, não é possível a imunidade absoluta contra as neuroses da máquina e da informática.

Por outro lado, a crença do Deus-solução-para-tudo, para as dificuldades e sucessos, vai dando lugar, a pouco e pouco, às interrogações fundamentais da existência concreta no seu relacionamento com a fé. Já lá vão os tempos da origem divina, direta e pontual, dos poderes político e religioso, em que trono e altar emanavam da mesma fonte, mandatos 'sobrenaturais' para governar e salvar os povos, e a virtude mais apreciada, a obediência à autoridade constituída. Hoje em dia, com menos frequência se atribui à Providência tudo o que acontece de bom e de mau, porém, quando se tenta relacionar fé e vida, não faltam ainda acusações e suspeitas de extremismos e radicalismos inadmissíveis, impróprios de sociedades civilizadas e sofisticadas.

Todavia, no seio desta família de agricultores, vivendo da ortodoxia da fé e da pobreza involuntária, nasceu a esperança messiânica de emigrar, e logo optaram pela heresia da possibilidade de uma vida melhor, já neste mundo. Foram à cidade dar início ao processo junto do agente de viagens que, como de costume, se encarregou de tudo. E fê-lo com rapidez e eficácia. Em menos de um ano, disseram adeus à ilha e partiram, rumo a Boston, em Massachusetts.

Uma vez cá, foram parar a casa de familiares, por breve espaço de tempo, e, dentro de curtas semanas, o filho e a filha mais velhos, dispensados da escolaridade obrigatória,

começaram a trabalhar na cozinha de um restaurante da cidade, a limpar mesas e a lavar louça, a remover sacos de lixo e a prestar qualquer outro serviço manual não especializado para que nada faltasse aos fregueses do *Pier 4*.

O rapaz habituado à vida campestre de lidar com as plantas e os animais, as pedras e a terra, no princípio experimentou certa dificuldade em adaptar as mãos calejadas da enxada e do arado ao transporte de louça frágil e toalhas brancas. Por outro lado, não conseguia acreditar como estas coisas que as irmãs e a mãe faziam todos os dias, sem apreço nem renumeração, fossem aqui tão bem pagas, embora dentro de si continuasse a pensar que a cozinha era lugar para mulheres. Pelo contrário, a irmã sentia-se feliz e completamente à vontade, até na ironia da vida, com prazer especial de ao fim da semana poder contribuir para os cofres da família com o seu cheque, tão valioso como o do irmão, fruto do seu trabalho *feminino*.

Eram todos fortes e saudáveis por comparação com o pai, magro e gasto no trabalho forçado da terra, que só nos últimos anos começara a receber a ajuda valiosa do filho mais velho. Assim, passou a haver mais pão e batatas à mesa de jantar, mas sempre ‘condutados’ com alguns bocados de carne e peixe, havendo cuidado especial para chegar para toda a família. Sete, ao todo, quatro rapazes e três raparigas, dos cinco aos dezanove anos de idade, e os dois progenitores. A mãe, depois dos numerosos partos, ganhara demasiado peso, tornando-se muito nutrida, ficando diabética e demonstrando sintomas diagnosticados de arritmia cardíaca, doenças estas já trazidas das ilhas. Porém, neste período de adaptação, tendo de passar o dia inteiro em casa, com um respeitoso frigorífico ao seu alcance, recheado de comida e doçarias, começou a alargar consideravelmente, agravando ainda mais o seu estado precário de saúde.

Em poucas semanas, o pai foi contratado por uma companhia de limpeza. Começou por tirar o pó às secretárias, com esponja de penas, ridículo objeto comparado com uma enxada. Arrumava a papelada dos gerentes e funcionários desorganizados, esvaziava os cinzeiros dos cigarros mal fumados, símbolo do desperdício americano, e recolhia os jornais do dia, sem poder ler palavra. Aspirava as carpetes dos corredores e escritórios, onde toda gente passava o dia a ler e a escrever, como se aquilo fosse trabalho a valer. O aspirador era barulhento e curioso, muito diferente de uma vassoura de palha ou simples ramo de queiró do mato. À tarde, via sair toda essa gente aos magotes com cara de cansada e aborrecida, quase como ele quando regressava dos campos, com a diferença que toda ela partia de pasta na mão ou saco a tiracolo, em direção ao automóvel que a esperava para o retorno confortável a casa, e ele voltava a pé, lavado em suor e faminto, com o sachó às costas e a foice na mão.

Agora, o trabalho era leve e o ganho maior do que nunca, porém, não foram necessários muitos meses, para começar a meditar e refletir na vida, à maneira de filósofo sem letras, mas com longa carreira de pensador e muitos anos de experiência. Cada vez mais se convencia de que, apesar da vida regrada e carenciada da aldeia e do trabalho duro do campo, não deixava de sonhar com o regresso. Nele crescia a aspiração e o desejo profundos de lá adquirir uns bocados de terra, de preferência daquelas que antes trabalhara como pária. Desde essa altura, para ele, a prova real do sucesso passaria, exatamente, pela concretização desta ambição: voltar à ilha e comprar terreno, para tratá-lo com mãos de dono e comer-lhe os frutos em paternidade exclusiva como quem faz e batiza.

- *Este trabalho de limpar secretárias, remover papéis e aspirar carpetes é brincadeira que não dá gosto fazer*, dizia ele, com ar patusco, sorrindo pelos cantos dos olhos pequeninos, um pouco envergonhado. Esperava, deveras, que aquilo não durasse muito tempo. Preferia fazer trabalho de ‘homem’, em que pudesse utilizar e aplicar musculatura criada no derrube dos torrões e na abertura dos regos para a semente germinar com os favores do sol e as graças da chuva. Alguma coisa ao ar livre, em contacto com a natureza pura. Cá, o próprio gelo do inverno e o fogo do verão experimentava-os dentro de casa.

No entanto, não estava a queixar-se, tinha abundância para comer e vestir como nunca antes, e não tinha que enfrentar o vexame da praça pública, o que, por enquanto, era o mais importante. Todavia, não deixava de ter consciência de que não pertencia ao meio ambiente, em que agora estava inserido. Lá, na ilha, conhecia centenas de pessoas, com quem podia comunicar, falar, discutir, zangar-se, divertir-se; aqui, tinha somente a família imediata e passava a maior parte do tempo dentro de casa, sem os seus amigos e conhecidos. Tudo tão diferente, até a língua.

Sem dúvida, não se encontrava na freguesia, onde as próprias ervas daninhas e o pó do caminho o conheciam. Ali, era pobre mas notado pelo bom trabalho que produzia, embora sem o proveito devido. Podia exteriorizar, a seu modo, quando quisesse, os seus sentimentos de tristeza e desgosto, vergonha e embaraço, ciúme e inveja, zanga e ódio, medo e temor, surpresa e espanto, afeto e amor, alegria e felicidade. Tinha boca e palavras para isso, no seu reduzido vocabulário, e se nem sempre o fizera, fora por conveniência e feitio.

Aqui, era um homem sem voz, reduzido ao silêncio de um conformismo surdo e mudo, com mais para comer e vestir, mas muito menos para dizer e compartilhar. Começou a sentir-se inibido na rua e em casa, sem assunto, como quem estava a mudar de personalidade e identidade, alheando-se das características do homem do campo, irmão do espaço, descontraído e franco. Perdera o pio, já nem era capaz de cantarolar as modas da

terra e musicar as danças de carnaval. Pior ainda, principiou a considerar-se um homem sem ofício, sem reputação nem valor profissionais, sem saber nada de nada, a aprender a tirar pó a uma insignificante mesa e a usar um barulhento aspirador de carpetes.

Na ilha, ainda que mal pago, não tinha dúvidas da qualidade do seu trabalho. Treinado na escola paterna, orgulhava-se dos seus conhecimentos agrícolas e da sua força física sem humildades fingidas. Sabia mesmo prever o tempo da chuva e do sol, propício ou adverso ao cultivo da terra, e determinar a altura própria da sementeira e da colheita. Bastava farejar a atmosfera e olhar os campos para calcular a sua disponibilidade de inseminação e capacidade de reprodução. Bastava encarar o encrespado do mar, espelho da face do céu, para antever a proximidade da tempestade e do vendaval. Bastava tomar nas mãos calejadas a semente amadurecida para avaliar a sua possibilidade de germinar; observá-la mal nascida, brotando à tona da terra, para predizer a qualidade dos frutos. Enfim, bastava deitar uma vista de olhos aos campos louros dos trigais e milheirais para antever o tempo oportuno da colheita.

Não sofria de complexos de inferioridade quanto ao seu passado de agricultor, quanto ao que sabia fazer nesse setor, e apreciava-o, apesar de tudo. Desde a infância, vivera em contacto com a natureza sem fingimentos, e conseguia percebê-la melhor que às próprias pessoas. Agora, na América, era alguém em crise de identidade pessoal, com mais valor no bolso, mas menos brio na alma. Sentia-se inconsiderado e subestimado quanto ao que era na realidade. Para ganhar a sobrevivência, fazendo o que fazia, bastava ser imune de deficiências graves, físicas ou psíquicas, não era necessário ter aprendido coisa alguma na vida. E revoltava-se ao pensamento de que a sua existência passada na ilha se reduzisse a esta inutilidade, como coisa para esquecer.

Então, começou a avançar com os seus planos concretos de regressar, mesmo se a família se tivesse de fracionar. Os filhos e as filhas estavam criados, com exceção do mais novo que poderia optar por ficar com o irmão ou irmã mais velha ou regressar com o pai e a mãe. Em poucos anos, estariam todos por conta própria, com inglês suficiente para funcionar no mercado de trabalho não especializado. Estava disposto com a mulher a esperar até essa altura, mas não queriam ficar sós, nesta terra, entregues um ao outro. Não eram dessas pessoas que se contentariam em serem apenas avós. Sonhavam regressar à ilha e tornarem-se autossuficientes.

Ele, dono e senhor dum pedaço de terra para trabalhar em demonstração profissional e existencial de tudo o que sabia e podia fazer com ela. Canteiros para tomates, cebolas, feijões, favas; valas para batatas e couves; torrão esborado para trigo e milho. Ela, dona de casa, com abundância sobre a mesa, na terra onde nascera. E já tinham o olho numa linda propriedade, perto da humilde moradia de outros tempos, lá no povoado. Ali, - se

Deus os não matassem à traição, como dizia, desejaria passar os últimos anos de vida com a companheira dos tempos de carestia e, agora, de fartura. Restaurariam o ninho de infância dos filhos e filhas para melhor os receberem com os netos e netas, quando fossem de férias, em peregrinação ao santuário das origens.

Já antes saboreava o cheiro dos campos férteis, lavrados e cultivados, no panorama da evolução do verdejante da sementeira a nascer e a crescer, e do amarelado do plantio a frutificar e a amadurecer, tudo numa visão muito sua, desde as entranhas da terra à medula dos frutos. Não faltariam árvores de fruto no jardim das suas delícias e vinha aromática nas paredes circunvizinhas da casa.

Estava tudo destinado na sua cabeça e gravado no seu coração, decisão já estabelecida com a mulher, como recurso de esperança para suplantar uma existência difícil em terra estrangeira. Por crença religiosa e influência política inconsciente, este dinamismo messiânico inspirara-os na saída da ilha, e, agora, mantinha-os na América à espera do regresso e à procura da felicidade no retorno à casa paterna.

Deste modo, na vida desta gente, havia sempre uma nesga de esperança por detrás de qualquer momento da existência, como tábua de salvação para todas as ocasiões de crise. Assim, esta visão político / religiosa sobrepunha-se e dominava todos os receios e preocupações, doenças e contratempos do presente, como também abria as portas à alienação, desculpando humilhações, abusos e injustiças inadmissíveis. Nada era tão forte como ela. Aguentava as ocorrências de desânimo e superava as próprias horas de desespero. Nem a certeza da morte conseguia perturbá-la.

Haviam-se passado quase sete anos sobre a data da chegada à América. Os mais difíceis da americanização. Os primeiros foram mesmo traumáticos, banho de imersão na surpresa amarga da crise de identidade. Da base sólida da realidade da ilha protegida pelo oceano; da aldeia habitada por gente amiga e conhecida; da casa, reduto de confiança e certeza; da igreja, cenáculo de fé e oração; da escola, âncora de sabedoria e conhecimentos indispensáveis; dos campos, bálsamo do espírito e reflexo da alma; das ruelas pedregosas e estreitas, limite dum destino sem expansão, onde toda a gente conhece todo o mundo sem dúvidas metafísicas de quem são. Deste convívio familiar e relacionamento social à necessidade de provas de legalidade pessoal e de idoneidade documentada, com bilhete de passagem, visto de entrada, passaporte, 'cartão verde' e prova de residência. Para além de terem de satisfazer as autoridades americanas contra receios de ideias perigosas e vícios morais, defeitos físicos e doenças mentais, tiveram de demonstrar grande vontade de trabalhar e muito interesse pelos dólares. Em seguida, após inúmeras horas de televisão e muitos meses de fábrica, em turnos diurnos e noturnos, assegurando o pão para a mesa e os farrapos para o corpo, começaram a experimentar as exigências do coração. Foi o

período da maldição da terra prometida e da recordação das cebolas da ilha. O corpo alimentava-se bem, mas o espírito não se encontrava satisfeito.

E, finalmente, quando a família passou a ter carro e a saber de cor o caminho da fábrica e dos centros comerciais, e as palavras mais comuns - *yes, ok, thank you, sure*, aprendendo a concordar com tudo, passaram a fazer parte do sistema, duma maneira fanática e inconsciente. 'Fácil e desperdício' passou a ser sinónimo de bom e abundância e 'muito' o mesmo que riqueza. Foi o período de amealhar a todo o custo, gastar o mínimo e poupar o máximo, abrir conta no banco, deixá-la crescer com juros e começar a pensar em casa própria. Só então chegou a altura de resolver diferenças, assentar ideias e marcar o destino, dando lugar à divisão entre a parte da família que quisesse ficar e a que quisesse regressar.

O pai e a mãe já tinham tomado a sua decisão, regressar às origens. Não conseguiam engrenar na máquina das pressas e dos automatismos, do carro para tudo, da televisão sem interrupção, do telefone a todo o momento, da falta de ocupações ao ar livre, da incompreensão da língua, da insegurança das ruas, do individualismo e independência das novas gerações, da indiferença dos vizinhos, do clima de extremos insuportáveis...

Difícilmente, descobriam humanidade nesta sociedade de opulência e violência. O que contava era possuir, ter, ter muito, muito de tudo, muitas coisas, dinheiro, carros, casas, vestes, televisores, telefones, carpetes, sofás, poltronas, muitas horas extraordinárias de trabalho, e *good times* nos fins de semana. Tudo para esquecer as mágoas da vida e as horas de solidão que o dólar não preenchia.

Camponeses inteligentes, aperceberam-se, muito claramente, de tudo isto e tomaram a sua decisão, conscientes e sem hesitações nem equívocos: regressar às origens. Tornar a ver os campos cultivados, semeados, verdejantes, aloirados. Ouvir o mar entoar canções de embalar nas noites de calma e bramir de fúria nos dias de tempestade. Voltar a ser gente com nome, gente com linguagem oral e símbolos culturais espelhos da sua identidade. Gente na terra natal, gente na aldeia, um deles e uma delas, parte do todo, da essência do meio ambiente. Apenas ambicionavam levar consigo um pouco daquilo que sempre lhes faltara, certa independência económica, que, na conjugação da ilha, daria forma à felicidade desejada, antes de entregarem a alma ao Criador. Até lá, ano após ano, no conforto da sua casa e na posse de alguns pedaços de terra, os dois esperariam pela visita ocasional da outra parte da família deixada atrás.

Começaria então o período da idade adulta e da libertação das barreiras psicológicas e do isolamento físico do arquipélago e até da pequenez da faixa estreita do país à beira mar plantado, fascinado com tudo o que vem do estrangeiro, logo que não seja trazido por mãos de emigrantes. Nestas condições, raramente é valorizada a prata da casa por razões de falsa

humildade e complexos de inferioridade tão velhos como a nação. Enfim, para este homem os vexames de outros tempos e para esta mulher as faltas sobre a mesa da cozinha eram coisas do passado, histórias para embalar as crianças, capazes de as contarem com humor. Depois deste batismo de fogo e lágrimas, regressariam purificados dos seus complexos e convencidos, como nunca, da sua dignidade pessoal. Haviam provado do que eram capazes.

E, embora a anos de distância, iniciaram a contagem decrescente do retorno, na certeza de que a prole, que ficaria atrás, não deixaria de mitigar as saudades da ilha com as férias de verão à procura da magia salutar das raízes. Eles próprios não deixariam a América sem o desejo de a visitar mais tarde, mantendo assim os laços familiares e não perdendo a oportunidade de observar como envelheciam os adultos e cresciam as crianças. Deste modo, sentir-se-iam como aves de arribação, compartilhando a existência no tempo da divisão, entre Leste e o Oeste, dum e doutro lado do Atlântico, à espera do Além.

Seria, com certeza, uma refundição de coisas antigas e novas, com uma visão recriada da vida que permitiria apreciar a realidade numa dimensão, incomparavelmente, mais global e libertadora. A injustiça local que os forcara a sair, acabara por resgatá-los dos óbices sociais das árvores genealógicas. Assim, todas as manhãs ofereceriam a experiência inédita de mais um dia que jamais existira no tempo que se repete sem clemência, reproduzindo a novidade e a expectativa do porvir. E cada hora traria momentos únicos de entusiasmo para alimentar a felicidade de serem alguém com brio merecido e honra reencontrada.

Nesta tensão saudável do amor à ilha e da necessidade de promoção humana, tinham encontrado a razão profunda da decisão corajosa de emigrar, como um dilatar sem jamais quebrar o cordão umbilical da âncora do porto de partida, neste instinto natural de crescer. E como fora um partir de coragem e esperança, gerou a capacidade de abraçar dois mundos sem preconceitos nem complexos.

Ao cabo de dez anos, fizeram as malas e voaram rumo aos Açores. Quando pisaram terra, do outro lado do mar, vontade de beijar o chão não lhes faltava.

VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

*Trago comigo a odisseia do medo
e a nostalgia dos horizontes perdidos!
Meus versos são as lágrimas
que não consegui chorar.
Cisaltina Martins Cardoso*

O máximo de inteligência no mínimo de matéria corporal. Quase só ossos. Ossos mirrados, ossos amassados, ossos partidos, ossos despidos de carne. E a pouca que resta, enegrecida pelos maus tratos físicos do pai, em momentos de embriaguez e mau génio.

Mas todos os dias vem à escola, não falta uma vez que seja, nem mesmo quando ferido e acabrunhado pelo ambiente familiar de violência física e verbal. Vem sempre. A sua cara miúda é o sudário do seu corpo mirrado e o espelho cristalino da sua alma oprimida. Há noites que não consegue pregar olho, sempre com o ouvido à escuta dos barulhos e das brigas entre o pai e a mãe. Não é apenas vítima pessoal da violência familiar é também testemunha audiovisual e consciente do que se passa em casa.

O pai encontra sempre um pretexto para espancar a mãe. Falta de tino quando está bêbado ou drogado; ciúmes dela simplesmente se a viu olhar ou falar com outros homens; não ter o jantar pronto quando chega a casa; demorar-se nas lojas; comprar coisas para ela ou para casa sem primeiro pedir licença; não lhe entregar, sem demoras, o cheque da semana, fruto do seu trabalho na fábrica; não ter a roupa lavada e passada a gosto dele; demorar-se demasiado ao telefone com as amigas; visitar alguém que ele não conheça; falar em tirar carta de condução; aparecer bem vestida e pintada; passar muito tempo ao espelho, no quarto de banho; não manter a casa limpa e arrumada; sentir-se cansada para ter relações sexuais...

Tem presenciado tudo. Quando se empurram e cospem na cara um do outro, em espasmos de fúria e desespero, depois de terem esgotado o rosário de palavras que este viver absurdo lhes tem ensinado. Ou quando se fecham no quarto de dormir e ouve os gemidos dos puxões de cabelo, o estalar das bofetadas, o estremecer do tabique com os encontros de agressividade, o arrastar dos móveis, o fragor dos murros e dos pontapés e, por fim, o estampido do corpo da mãe a rolar pelo chão.

Uma vez por outra, a polícia vem e leva o pai por alguns dias, semanas e até meses. Então, o seu rosto toma a expressão da incoerência e da contradição que o dilacera, enquanto por detrás da montanha de sofrimento da sua pequena vida, aparecem ténues raios de esperança duma aurora retardada, que jamais chega a nascer. E sofre como ninguém. Sofre porque sabe tudo, conhece tudo, compreende muito mais que a sua idade permite. Nesta esperança fictícia de um desejo sincero e profundo, acredita que o pai irá mudar um dia, um dia de sol para banhar os seus ossos raquíticos no oceano da luz da felicidade. Deste modo, a sua mente é uma espada de dois gumes, um que o dilacera e atormenta, outro que o mantém e salva. Compreende a injustiça da sua punição física e moral e a crueldade e desumanidade a que a mãe é sujeita, ao mesmo tempo que é capaz de criar um mundo de escape e fantasia, onde se refugia e sobrevive.

Assim, se pecado já tem, não é o da preguiça mental. Está sempre pronto para a investigação e descoberta do mundo, na escola, na família, na sociedade. Quer aprender inglês sem esquecer o português que fala fluentemente com pronúncia nortenha, quase galiciana. Bebe os conceitos de matemática a gosto de filósofo com a naturalidade de quem abre e fecha os olhos e tudo compreende quase por instinto. Qualquer broa de sabedoria que caia no prato da sua dieta escolar é devorada com uma fome genética igual à vontade de existir. Exatamente aqui, parece ter lançado a âncora da sobrevivência contra as tempestades da vida, como génio que descobriu a psicologia inata da conjugação dos polos negativos e positivos da existência para produzir a fusão do amor que salva e liberta. Igualmente, parece ter conseguido situar o sofrimento no extremo oposto à necessidade de saber e descobrir.

Tem sempre histórias para contar e narra-as de uma maneira brilhante. Este ano são encenadas em Portugal e transmitidas em português, alto e bom som, devido a uma deficiência física de audição, resultante do abuso paterno, ao ser atingido a pontapé no lado esquerdo da cabeça, num desses ataques selvagens de uma noite de bebedeira.

Do mesmo modo, a mãe aparece de vez em quando marcada a negro no seu corpo alvo de minhota alourada. Também ela fora desde criança grosseiramente abusada por um tio sem escrúpulos, separado da mulher que acusava de infidelidade. Aquelas cenas tétricas nunca abandonaram a sua alma. A sedução e violência sexuais do ambiente traumatizante a que fora submetida por esse homem desnaturado, quando a levava para os campos e abusava dela sob ameaça de morte, transformaram-na em vítima submissa despojada do sentido da dignidade pessoal. Desde então, vivera em permanente martírio por causa deste passado de vergonha e negação sem coragem para encarar a sua adolescência incestuosa.

O pai tinha emigrado para a França, deixando-a aos cuidados da mãe, tinha ela apenas seis anos de idade. Nunca mais o viu. Acabara por esquecer a mãe e a filha e passar a viver com outra mulher. Criança e na ausência do pai, caiu na dependência do tio que desde muito cedo passou a servir-se dela sexualmente. Aos catorze anos estava grávida, concebendo um filho dele, embora sempre dissesse que era de um namorado que nunca tivera. Quando emigrou, deixou atrás o filho aos cuidados de uma tia para não passar por mãe solteira.

Agora, era vítima de outro homem de quem realmente gostava e se enamorara com paixão para acabar de novo abusada, embora desta vez pela necessidade da amar e ser amada. Não compreendia, porém, que nestas circunstâncias não era possível o amor, tratava-se de absurda dependência há muito adquirida.

Já o denunciara inúmeras vezes quando, em noites de fúria, temia pela própria vida e pela do filho, embora nunca dissesse tudo, até porque ele fazia camaradagem com alguns agentes da polícia. Quando entrava em casa embriagado e talvez drogado, era um animal cruel e violento. Nestas alturas, abusava dela já sem capacidade para distinguir entre pena e satisfação, prazer e dor, lágrimas e perversão, sangue e esperma, na mais elementar brutalidade.

Foi numa dessas noites de terror em que o filhote, não podendo mais com o inferno de gritos e choro, gemidos e raiva, que irrompiam do quarto de cama do pai e da mãe, apareceu à porta, ficando petrificado de horror, ao vê-los em pleno ato sexual, ele bêbado de todo, ela toda ensanguentada. O pai logo que o viu levantou-se aos tombos e aos berros, nu de corpo e alma, empurrando-o com violência pela porta fora e desferrando-lhe um pontapé que o atingiu na cabeça e o deixou estatelado e inerte no meio do corredor. Para ali ficou, enquanto a mãe não conseguiu libertar-se daquele urso que apenas a largou depois de completar a orgia boçal dum orgasmo atrofiado, doloroso e letárgico. A seguir caiu no sono dos bárbaros como porco de chiqueiro, inconsciente e nauseabundo.

Nessa noite, a mais violenta e aberrante de todas, ela chamou a polícia que o levou por vários meses. O miúdo perdeu para sempre a audição normal do ouvido esquerdo e por isso ainda hoje fala alto como se estivesse longe de toda a gente que o rodeia. E, realmente, sente-se a distância imensurável das crianças que gozam da proteção e do carinho de um pai decente e da companhia e do amor de uma mãe apreciada na sua dignidade de mulher. Apesar de tudo gosta de ambos, embora consciente da anormalidade do relacionamento desse pai monstro e dessa mãe inferiorizada. Sente-se como alguém gerado numa noite de violência e ódio, irresponsabilidade e demência.

De facto, o pai parecia um homem sem solução humana. Só num começar de novo e do nada, numa recriação absoluta, sem o otimismo fácil do recurso à reencarnação e sem resíduos do passado, na aniquilação integral do presente, seria possível fazer dele gente. Certamente, esse homem não passava de uma esperança fútil. Ameaças, tratamentos, prisões, conselhos, promessas unicamente tinham provado recaídas desastrosas nas garras do meio ambiente degenerado e desumanizado que construía à sua volta. Drogas, só acidentalmente as tomava, mais por superstição que por convicção. Cedia, quando se encontrava com velhos amigos que não resistiam à tentação do dólar fácil, nos cantos das ruas mal iluminadas ou nas praças da multidão anónima, nas quais todo o mundo é um possível cliente. No entanto, sentava-se quase diariamente, à mesa da embriaguez que já não podia recusar.

Sem remissão e delinquente vitimizado, bebia para calar a voz da consciência acusadora da violência e atropelos cometidos contra a esposa e o filho. Também ele fora criança

abusada dum casal infeliz. Tudo isto parecia não passar de repetição cega de uma violência herdada. Agora, chegara a sua vez de ser criminoso e no filho ainda criança escrevia-se a grande interrogação desta violência ‘genética ambiental’ que em vez de aprender com as lições do passado se vingava nas gerações do futuro. A história repete-se, frequente e infelizmente. As vítimas de hoje são os perpetradores de amanhã. Filho abusado facilmente se torna pai abusador. Sem dúvida, perda da dignidade pessoal que é necessário readquirir.

Mártir da violência paterna como fora o pai quando criança, provavelmente, um dia, chegaria a sua vez de ser pai e marido e só na superação da ‘necessidade absurda’ de vitimar inocentes, quebrando o ciclo ilógico da ‘predisposição’ psíquica condicionada, conseguiria a capacidade de amar. E não é coisa que se alcance com sublimações místicas, mecanismos espirituais ou milagres mentais. Tão-somente com a lavagem das penas e da injustiça, na fonte da regeneração e da libertação. Única alternativa possível para curar as chagas do subconsciente, sensibilizar o coração e refazer a autoestima. Doutra maneira, o vácuo do infortúnio e as cicatrizes da violência, serão preenchidas pelo conteúdo errado da sede de vingança, dando lugar ao paradoxo das relações humanas que imolam quem não merece e põem em movimento a roda implacável da produção de infelizes.

A mãe também era demonstração irrefutável desta dialética inditosa de ser gente, na tradição insensata de quem não procura viver sem sofrimento. Filha de pai abusador, não era capaz de libertar-se, parecia que quando mais sofria mais amava, na sua incongruência de existir.

O filho minúsculo é agora centro desta tragédia familiar, tentando superar no seu coração de super-homem os sinais da dor que o seu corpo revela. Não se queixa, mas não quer falar do pai, não percebe o mistério deste homem que não sabe brincar, que nunca lhe ensinou um jogo, que está sempre zangado mesmo quando não tem álcool nas veias. Pelo contrário, quando embriagado não descontrai, torna-se ainda mais mau, mesmo mau. Apenas lhe faz referências indiretas e circunstanciais que, embora digam muito, nunca entra em pormenores. Refugia-se na atenção e carinho que lhe dão fora de casa, sobretudo na escola, e quando vêm de um homem tem sabor especial de paternidade reencontrada. Dali se fica a olhá-lo, lá debaixo da sua pequenez física e grandeza moral, à espera de uma festinha de esperança nos seus cabelos gordurosos e despenteados que passam dias infindos sem verem pente, água ou sabão. As suas calças e camisas folgadas, nodosas e enrugadas, parecem albergar apenas um espírito de investigador faminto da verdade que não descobre. E nem se fale nas suas sapatilhas já sem sinais da cor branca original, no desgaste do lamaçal da vida. Disto nunca se queixa. Para ele há coisas muito mais importantes e urgentes que uma camisa rota e umas calças sovadas.

Felizmente, o seu empenhamento reside na escola, único lugar onde encontra certa compensação do que lhe falta em casa. Ali, investe o seu tempo e a sua esperança com entusiasmo impressionante, descobrindo a tábua de salvação na disponibilidade do próximo, transcendendo a angústia pessoal e matando a fome de saber.

Deste modo, a primeira crise parecia superada com uma força e coragem admiráveis, sem deixar de ser todavia, o início de uma longa batalha que poderá ofuscar, para sempre, a luz da sua mente talentosa e brilhante. Chegada a adolescência, os conflitos seriam mais violentos e as consequências mais sérias. Tudo seria possível, desde a acomodação à 'normalidade' do ar viciado que respira ao instinto natural de proteção à mãe revoltando-se contra o pai. Se não se libertar do vírus da violência a que tem sido exposto como protagonista e testemunha, cairá, irremediavelmente, no ciclo da repetição cega e destruidora da dignidade pessoal e alheia.

O MAR - A GENTE DOS AÇORES, IDENTIFICAÇÃO – EMIGRAÇÃO E RELIGIOSIDADE, SÉCULOS XVI-XX. LISBOA, PRELO EDITORA, 1978, PP. 58 E 59.

“[...]

todas as ilhas açorianas são de pequenas dimensões e algumas delas mesmo francamente diminutas. Os povoados estão, na sua quase totalidade, dispostos à beira-mar. O açoriano tem sempre diante dos olhos o mar, é uma presença constante que o acolhe ao nascer e o acompanha até à morte. Dá impressão que flutua ao sabor das ondas e correntes do imenso Atlântico que o embala em sonhos de fantasia e irrealidade. À grandeza do mar associa-se o encontro da montanha de origem vulcânica, arborizada e verdejante, e a imensa abóbada celeste, onde passeiam a lua e as estrelas em caminhos imaginários.

Nesta proximidade do mar, habituou-se ao marulhar das ondas que ora rebentam em fúria contra os penedos em espuma branca a desfazer-se ou deslizam suavemente, beijando as encostas... A presença do mar é sentida constantemente, noite e dia, como apelo contínuo à melancolia e à distância.

Por sua vez, Vitorino Nemésio expressa magistralmente bem a influência do mar na gente dos Açores, ao dizer:

“O mar é não só o seu conduto terreal, como o seu conduto anímico. As ilhas são o efémero, o contingente: só o mar é eterno e necessário”

Deste modo, a psicologia do ilhéu torna-se simultaneamente tímida e curiosa, paradoxalmente calma e irrequieta, como a grandeza dos elementos naturais que circundam e a pequenez da sua ilha onde habita.

Luís Ribeiro também atribui ao mar o caráter cismador e triste, abatido pela monotonia em que frequentemente vive o açoriano. Igualmente segundo este autor, são consequências do mar a indolência e o saudosismo, passos lentos e gestos graves, fala arrastada e cantada, como o ritmo cadenciado das ondas e das marés, que não só plasma a moral, mas até enrugam o semblante e afina a vista. [...].

Em suma, o mar é para o povo ilhéu uma presença, um apelo, uma realidade que o atinge profundamente.”

FARTO DE VIVER

*As aves cantam sempre todo o dia!
E por nada possuem nesta terra
É que lhes coube, em paga, essa alegria.
Armando Côrtes Rodrigues*

Mais uma família que dissera adeus à ilha, rumo à 'terra prometida', o novo mundo, deixando atrás o velho mundo dos valores morais tradicionais, da proximidade humana, da entreaajuda da vizinhança, da proximidade do mar. Quatro, pai e mãe, filho e filha, já quase adolescentes, a meio percurso da carreira escolar obrigatória. Pessoas simples e agradáveis que viviam da pesca e da agricultura, rara combinação entre a população açoriana. Nesta síntese da terra e do mar, tinham encontrado a fórmula certa de uma existência simples e feliz, sem pretensões desmedidas nem sonhos desfeitos. Contentavam-se com o regalo das festas religiosas e populares, a certeza do pão e do peixe sobre a mesa e um lugar bem merecido no respeito da freguesia. Era gente com história e bom nome, e isso bastava.

A ideia da América veio por contágio das notícias de sucesso de metade da aldeia já embarcada, dos sucessos reclamados e proclamados e as desculpas costumeiras do futuro das crianças. Na verdade, boa parte dos parentes, amigos e conhecidos já não se encontrava pelos caminhos da freguesia, nas praças de convívio para a cavaqueira diária antes da ceia, nos campos de cultivo e labuta diária e, sobretudo, na igreja aos domingos havia bancos vazios. Famílias inteiras tinham emigrado. Sentia-se a falta de toda esta gente que era particularmente notada e lembrada nas ocasiões de convergência natural das

festas populares para os comes e bebes e na atividade laboral quando a ajuda do próximo era sempre apreciada.

- *Somos novos, por que não experimentar a sorte?*
- *Aqui não há muito futuro económico para os mais novos.*
- *Se não gostarmos havemos de voltar. Não vamos vender a casa nem as terras, e o barco vai ficar ao cuidado do nosso compadre que há de encarregar-se também de trabalhar as terras a meias e de olhar pela casa.*

Tudo assim combinado e acertado, começaram a informar os familiares e pessoas amigas, e a convencerem-se pouco a pouco da decisão tomada. Seria este o plano de desenraizamento que lhes daria coragem e os prepararia para o grande salto. Até tinham amealhado algumas reservas, suficientes para as passagens.

Pensado, dito e feito. Em breve encontravam-se em Massachusetts às turras com a língua e a temperatura e à caça do dólar na devoção da fábrica. O salário mínimo, com muita poupança, passou a dar para comer e vestir e para pagar a renda do modesto apartamento que os acolheu ao chegarem ao outro lado do Atlântico.

As crianças foram de imediato matriculadas na escola e lá passaram a ter pequeno-almoço e almoço grátis. Eram bem comportadas, embora o progresso inicial fosse muito fraco. Sentiam-se intimidadas, quase não abriam boca e sem falar não se aprende línguas, nem sequer a materna. Todavia, com a ajuda do Programa Bilingue e algumas doses de Educação Especial, começaram a singrar pelas veredas da sabedoria e as suas mentes acanhadas a desabrochar por entre as nuvens da ignorância, como raio de luz prenúncio de boa colheita académica. Passo a passo, foram adquirindo confiança e sentindo-se capazes de aprender histórias passadas com utilidade presente, regras de expressão oral e escrita para transmissão de ideias e pensamentos, segredos da natureza e cálculos de medição da matéria circundante, tudo para melhor compreensão do planeta que habitavam. De geografia, já traziam na bagagem de açorianos o mapa do destino da emigração para as Américas, Europa, Ásia e Oceânia. De religião, teriam de contentar-se com a catequese das ilhas. Estas matérias não faziam parte do programa de estudos do Novo Mundo.

Em pouco tempo, o rapaz passou a falar dos seus planos para o futuro e do barco do pai, ancorado no Porto Velho, ao lado do farol, a apodrecer ao sol e à chuva, na ausência do banho azul do mar. Não era apenas saudade, era também conflito entre a inutilidade do que caiu no desuso e aquilo que a ambição não dispensa e ainda não se possui. Por instinto, sabia que o presente e o futuro se construíam com as dádivas do passado, que no seu caso começaram a parecer insuficientes para o desafio americano. A aparência conta muito. Não

é só em política que o que parece é, também na vida normal da mais despretenhosa criatura a forma é essência.

Era o mais pequeno da classe, e vesgo. Não foi preciso muito tempo para não ver direito as outras pessoas nem ele próprio. Os companheiros muito mais altos, sabiam mais inglês, eram mais fortes. Se não tomasse cuidado, faziam-no desaparecer, ao menor espirro, partindo-lhe a cara e os ossos. Alguns eram mesmo violentos. Faziam esperas, espancavam, roubavam. Assim, começou a sentir-se em zona de risco e a subestimar-se, não pensando grande coisa de si, sentindo-se mesmo pequeno na alma e no corpo, insignificante, quase invisível. Pior ainda, era incapaz de exteriorizar esses sentimentos de inferioridade física e moral, e sofria imenso com isso.

Este meio ambiente aterrorizava-o. Tudo em dimensões disformes, desde a configuração dos carros enormes à multidão de gente desconhecida, estranha e indiferente, em moradias urbanas nas costas e nos olhos umas das outras, com atitude de *dirty looks*, como diz a famosa expressão inglesa. Comungando os mesmos ruídos, o mesmo lixo, a mesma proximidade física e afastamento humano. Deste modo, começou, cada vez mais, a retrair-se e a refugiar-se na sua pequena ilha acolhedora, na sua rua de algumas dezenas de casas, na sua escola de duas salas de aula, e na sua casa rural, onde era possível conviver com os animais domésticos, os gatos e os cães, as galinhas e os porcos, as vacas e os cavalos, e namorar o mar todos os dias que lhe desse nas ganas.

De facto, o oceano e o firmamento eram as únicas realidades de largas dimensões de que tinha recordação, as únicas que davam largas ao seu pensamento. Aqui, nem as podia apreciar, o mar ficava longe da vista, embora a umas centenas de metros de difícil acesso por entre arranha-céus, túneis, pontes, carros, sinais de tráfico, e grande confusão urbana de gente atropelando-se mutuamente para atravessar as ruas, tomar o autocarro, entrar no metropolitano, conscientes de que o tempo é dinheiro. E o seu apartamento, congestionado e perdido entre tantos outros iguais, nem lhe oferecia nesga de céu ou sabor de maresia.

Realmente, sentia imensa falta do céu e do mar das ilhas que, na generosidade da natureza, compensavam as suas deficiências e davam alegria ao seu espírito de criança. Lá, nunca se preocupara com ser pequeno. Agora, sim, sabia que era pequeno e sentia uma pena insuportável.

Decidiu, então, negar e iludir as suas dificuldades e complexos, procurando privar-se do pouco que lhe restava, a memória das suas origens, bloqueando-a ao menor sinal de ressurgimento. Ao cabo de um ano, apenas se expressava no limitado inglês que conseguira aprender e deixou de falar da ilha e do barco, recalcando no subconsciente lembranças

preciosas e indispensáveis a uma transplantação em terreno de orgânica radicalmente diferente. Até começou a sentir vergonha do pai e da mãe que não entendiam nem falavam a língua da terra. Detestava acompanhá-los à clínica do bairro e ao dentista, não os queria ver na escola e recusava-se a aparecer com eles a seu lado nas ruas e nos supermercados. Foi ficando cada vez mais frustrado e vulnerável, não conseguindo identificar-se e saber quem era. Um ‘homem pequeno’ à procura da sua estatura.

Chegada a crise da adolescência, complicaram-se as coisas. O seu interesse pelas moças tornou-se dramático e obsessivo, mas sem coragem para declarações. Nestas condições, lançou mão de um intermediário para levar e trazer mensagens, e foi aqui que experimentou a maior e a primeira grande desilusão deste período de iniciação americana. Habitado a confiar nos amigos da sua idade pelo padrão da terra natal, meteu-se num grande sarilho que lhe ia dando cabo da vida.

Morria de amores por uma colega que se sentava a seu lado, todos os dias, nas aulas de História e Ciências, no *Cambridge Ringe & High School*. A estas nunca faltava para não se privar do prazer de estar com ela, mas ainda não tinha encontrado oportunidade para se manifestar. Foi quando, confiante nos serviços do melhor amigo e confidente, deitou mão ao estratagema de enviar por ele uma missiva de amor à futura mulher do seu coração. Mas esta simples trivialidade platónica degenerou em séria rivalidade de ciúmes mal contidos e pior encaminhados. Das notas ingênuas, em bocados de papel arrancados aos cadernos de apontamentos, passou às longas cartas e mensagens gravadas, levadas e trazidas pelo amigo transformado em duplo agente e pretendente disfarçado.

A complicar ainda mais o assunto, este, quando levava e trazia as mensagens, não só tentava aproveitar-se da rapariga com solicitações duvidosas, a que no início ela não se opôs, sentindo-se duplamente pretendida. Mais tarde, porém, confusa e perturbada, quando em vez de solicitações amorosas e românticas começou a ser confrontada com intimidações e ameaças, passou a retrain-se e a esquivar-se. Neste impasse, o nosso imigrante começou a aperceber-se de que algo de estranho se passava.

Confrontou o seu pombo-correio e chegou ao conhecimento dos seus esforços colaterais e desonestos. Uma vez desmascarado e como o assunto não se encaminhasse para uma solução pacífica e ordeira, ambos recorreram às ameaças físicas e promessas de violência classificada. Agora, o nosso ‘homem pequeno’, numa atitude de bravado ferido que se sente atingido no seu orgulho pessoal, inventou coragem e propôs um encontro a dois, na presença da moça. Se não chegassem a um entendimento final, selariam com o próprio sangue o infortúnio comum. Se o seu primeiro amor não fosse para ele, não seria para mais ninguém, muito menos, para um falso amigo. Autêntico pacto de ajuste de contas em moldes de duelo de honra. Combinaram armas, local e condições e começaram os

preparativos para o rito sacrificial deste romance adolescente de intriga e ciúmeira. Nas margens do *Charles*, com armas brancas, mas mortíferas, no mais rigoroso exclusivo de apenas os três. Mais ninguém, e, até lá, segredo absoluto.

As fímbrias do *Charles River*, entre Boston e Cambridge, ofereciam o cenário perfeito para estes três adolescentes se encontrarem em litígio de romance malfadado. Lugar ideal para motivar a inspiração poética e artística e colher frutos de uma relação sazonal. Há recantos de beleza idílica e privacidade perfeita para autênticos pactos de amor e até, em último recurso, para conflitos gravosos, sendo a presença do belo respeitada ou violada e a do admirável apreciada ou ignorada. Um meio ambiente prístino que pode ser palco e testemunha do mais sublime gesto de benquerer como também da iniquidade mais absurda. No mesmo silêncio, na mesma exclusividade, infelizmente, também se praticam atos de ódio e de violência, suicídios e assassinios, quando as paixões são mais fortes do que o bom senso.

O rio, longos quilómetros antes de se encontrar com o oceano, espraia-se lenta e comodamente pelas povoações vizinhas da capital do *Bay State*. É um rio acolhedor e atrativo, sem a agressividade do belo horrível. O seu companheiro, o *Mystic River*, com que se irmana na mesma baía e estuário de Boston, é menos acessível, embora no seu percurso forme lagos e canais primorosos e navegáveis. Pelo contrário, o *Charles*, toda gente o procura e se sente bem à sua volta, de dia e de noite, sentada nos bancos, deitada na relva, ao sol e ao luar, à sombra das árvores e debaixo das pontes, com os pés na água e as mãos nos remos e nas velas, a andar e a correr, a namorar e a estudar, a ler e a escrever, imagem idiossincrática fiel das duas cidades.

Ninguém é suspeito, simplesmente, amante do rio, das suas águas, da sua beleza inconfundível, do seu fascínio irresistível. Na primavera e verão veste-se de verde e cobre-se de flores, no outono, de amarelo em mosaico multicores, no inverno adormece num manto branco de neve incorruptível. Tinha sido o destino preferido para este ajuste de contas, qual duelo de capa e espada. Entretanto, a jovem em causa, centro involuntário da discórdia, não podendo por mais tempo dar asas ao medo e à vaidade, mostrou à mãe as ameaçadoras mensagens escritas e gravadas. Esta não podia crer no que via e ouvia. Imediatamente informou a escola que logo convocou as famílias dos dois rapazes e da rapariga para uma reunião de emergência, para apurar responsabilidades e dar conhecimento às autoridades policiais e judiciais.

O pai e a mãe do moço imigrante estavam aterrorizados, nem sabiam o que pensar quanto menos dizer. Na reunião pouco ou nada disseram, limitaram-se a escutar as acusações contra o filho, transmitidas através de intérprete, completamente surpreendidos e chocados com o acontecimento. No fim da reunião, foi-lhes comunicado que um caso

desta gravidade só poderia ser tratado em tribunal de menores. No dia seguinte, compareceram em tribunal, acompanhados pela polícia. Foi-lhes decretada 'liberdade condicionada' e ficaram cadastrados na esquadra municipal com ficheiro de criminosos *in the making*.

Estavam completamente devastados com o comportamento do filho. Ele tinha-os mantido à margem, na mais completa ignorância quanto ao que se passara, mas as coisas iam-se complicar ainda mais. Nesta altura, sentindo-se arruinado na sua honra e dignidade, na primeira aventura de amor, decidiu pelo pior, pôr termo à vida. Fá-lo-ia, no entanto, com 'certo nível' e de forma teatral, acompanhado de alguns amigos, sendo ele mesmo o executor e a vítima. à maneira de tortura, dilacerando o peito e os braços e deixando gravado com o próprio sangue, nas paredes brancas do próprio quarto de dormir, as razões do seu desespero.

- *I can't stand it anymore!*
- *I'm not going to spend the rest of my life looking at the others from down here.*
- *No one cares about me 'cause I'm short.*
- *The girls laugh at me. I'm a jerk. I'm sick and tired of living!*

A este rosário de desculpas fantasmagóricas mas sinceras, ia buscar 'coragem' para se 'libertar'. Apesar de tudo, continuava a vir à escola, agora em vestes apocalíticas, como quem não parte calado porque tem mensagem importante a delegar. Calças de ganga esburacadas e desfiadas, cobertas de inscrições absurdas e anárquicas; camisa de mangas amputadas pelos ombros, coberto de medalhas alusivas a cultos diabólicos e de elogios à morte; sapatos de borracha desatados, de boca aberta e de língua de fora; algemas largas de cabedal, escondendo o ritmo do pulsar dos seus punhos enervados; anéis de bicharada exótica, em todos os dedos, vomitando a náusea de existir; e óculos escuros com armação florescente, roubando-lhe os ténues fios de luz da sua vida angustiada.

Como se ainda não bastasse, rapou a cabeça nos frontais, deixando no cocuruto o cabelo hirtó em forma de crista, caído em carrapicho pelas costas sobre a camisa sem gola. Entre os milhares de estudantes do liceu, ninguém poderia dar-se ao luxo de o ignorar, partiria assinalado e em grito de protesto. Em casa, na sua cela de dormir, para além das decorações nas paredes, executadas a dedo com o próprio sangue, não faltavam *posters* alegóricos a cultos estranhos e ocultos, encobrendo um pouco a sangria dos últimos tempos. Nada fazia sentido naquele quarto, punhais pendurados nas paredes, figuras macabras, reencarnações medievais da dança da morte com diabos esqueléticos e mascarados, um televisor usado, um antigo rádio gira-discos e alguns vídeos de guerra e amor.

Ali, também se realizavam reuniões de convénios e rituais clandestinos, quando o pai e a mãe se encontravam na fábrica e a irmã na escola. Sem perceberem o que se estava a passar não acreditavam que fosse possível o filho ter mudado daquela maneira. Amaldiçoavam a hora em que tinham decidido abandonar a ilha, mas era demasiado tarde para pensar no regresso e, com o filho assim, de todo impossível, não tinham cara para aparecer de novo na aldeia. No entanto, como eram pessoas de muita fé e otimismo apenas comentavam:

- *Este rapaz parece que tem o diabo no corpo, ninguém o entende.*

E apesar de tudo, continuavam a acreditar que não havia remédio como o tempo para resolver problemas. Nada lhes roubava a esperança de melhores dias, nem tão pouco, depois de informados dos planos de suicídio elaborados, em reuniões de promessas seladas com sangue que não só servia para a escrita nas paredes do seu quarto, mas também para ser tomado em cerimónias de última ceia. Fazia-o pingar das próprias veias, na convicção de que morrer de repente, sem experimentar a dor, não era morte regeneradora nem servia propósito algum.

Parecia encontrar-se no ponto da impossibilidade de retorno, continuando a iludir-se da loucura do suicídio moroso, saboreado aos poucos na despedida lenta de tudo e de todos, no ideal do masoquismo da existência, no equívoco de que sem sofrimento não há apelo nem prazer. Espreitava-o o destino imposto pelo condicionalismo de ser pequeno, vesgo e complexo.

[....]

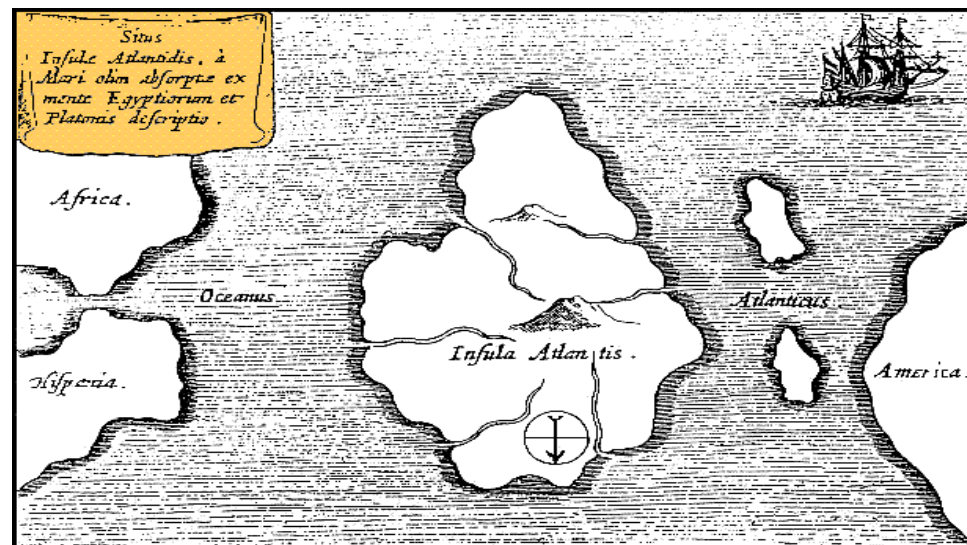
AQUI JAZ O ESPÍRITO DE UM CORPO EMIGRADO



VILA DO PORTO 16º COLÓQUIO, 2011

CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



CADERNO Nº 6 Edição outubro 2010

DEDICADO A CAETANO VALADÃO SERPA

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL-Colóquios da Lusofonia – Chrys Chrystello editou este número

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



© TM®

Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS
DA LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115